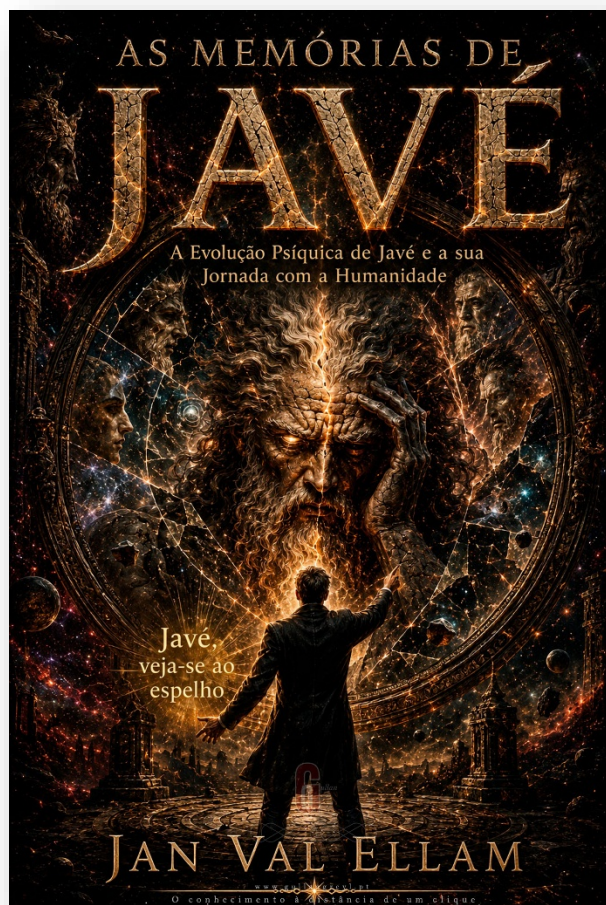


AS MEMÓRIAS DE JAVÉ

A Evolução Psíquica de Javé e a sua Jornada com a Humanidade



Autor: Jan Val Ellam

Edição e Preparação Digital: Gullan Greyl

Edição original: As Memórias de Javé, 2018.

Edição portuguesa concluída em 15-03-2020



Livroteca Gullan Greyl

Sinopse

E se o Deus do Antigo Testamento pudesse recordar, explicar-se e responder diretamente às criaturas que marcou com os seus desígnios?

Em “As Memórias de Javé”, Jan Val Ellam reúne uma série de crónicas e diálogos atribuídos ao próprio criador bíblico, apresentados como registos de uma convivência mediúnica tensa, desconfortável e profundamente confrontadora. Neles, Javé fala da origem da sua criação, dos seus pactos, dos seus escolhidos, da relação com Enoch, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé, e das forças que, ao longo da história, desafiaram o seu poder e modificaram os rumos do universo.

Mas estas páginas não compõem uma confissão pacífica. A cada tentativa de Javé para justificar os seus atos, ergue-se a voz crítica do autor, que o acusa de autoritarismo, manipulação, violência e incapacidade de compreender a liberdade humana. Desse confronto emerge o retrato de uma entidade instável, orgulhosa e contraditória, que começa lentamente a reconhecer os próprios limites.

À medida que absorve as emoções, os pensamentos e os valores produzidos pela humanidade, Javé inicia um processo inesperado de transformação. O criador que exigia obediência passa a procurar compreensão; aquele que impunha pactos começa a pedir diálogo; e a divindade que se julgava absoluta descobre-se dependente das próprias criaturas para evoluir.

“As Memórias de Javé” apresenta, assim, uma narrativa provocadora sobre poder, responsabilidade, criação e redenção, na qual a jornada da humanidade se revela inseparável da evolução psíquica do próprio deus que ela aprendeu a temer, venerar e questionar.

Esta edição foi preparada para formato digital, com intervenção ao nível da organização, revisão e uniformização do texto, de forma a assegurar clareza, consistência e legibilidade em ambiente de leitura eletrónica.

Foram realizadas correções pontuais sempre que necessário, respeitando integralmente o conteúdo e a estrutura da obra original.

O objetivo desta preparação é preservar a fidelidade ao texto, garantindo simultaneamente uma experiência de leitura fluida e acessível.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

Introdução	1
PARTE UM.....	4
Crónicas Espontâneas.....	4
CAPÍTULO 1	5
Primeira Crónica.....	5
CAPÍTULO 2	10
Segunda Crónica	10
CAPÍTULO 3	16
Terceira Crónica	16
CAPÍTULO 4	27
Quarta Crónica	27
CAPÍTULO 5	35
Quinta Crónica	35
CAPÍTULO 6	39
Sexta Crónica.....	39
CAPÍTULO 7	46
Sétima Crónica	46
PARTE DOIS.....	53
Crónicas Pouco Espontâneas.....	53
CAPÍTULO 8	54
Primeira Crónica.....	54
CAPÍTULO 9	68
Segunda Crónica	68
CAPÍTULO 10	83
Terceira Crónica	83
CAPÍTULO 11	91
Quarta Crónica	91
PARTE TRÊS.....	104
Crónicas Forçadas	104
CAPÍTULO 12	105
Primeira Crónica.....	105

CAPÍTULO 13	116
Segunda Crónica	116
Posfácio	131
Sobre o Autor	134
Entrevista com Jan Val Ellam.....	135
Roteiro de Leitura dos Livros.....	141
Projeto Orbum.....	151
IEEA.....	154

AS MEMÓRIAS DE JAVÉ

*A Evolução Psíquica de Javé e a
sua Jornada com a Humanidade*

Jan Val Ellam

Introdução

Desde que cedi aos factos, tentando ser honesto comigo mesmo, resolvi, pelo menos, “escutar” o que aquele Ser — o qual, somente a muito custo, depois de alguns anos, comecei a admitir que poderia ser realmente o tal Javé bíblico — agora me solicita, pois que, antes, tão somente ordenava, ou seja, restou o seu pedido para que eu lhe ofereça o concurso pessoal a fim de que as “suas comunicações”, para as suas criaturas terráqueas, pudessem ser veiculadas.

Esta história começou, num primeiro momento, quando resolvi anotar as suas veementes reclamações e discordâncias em relação ao que, por minha própria conta, sem a interferência de amigos espirituais, penso eu, estava a escrever, em páginas, que viriam a ser publicadas no livro **“Favor Divino”**.

O segundo momento dessa inusitada e, para mim, sempre desagradável “convivência mediúnica” foi quando, ao ler as cartas que a Sra. Mónica Camargo havia “endereçado ao Criador”, dele escutei que seria justo e honesto, de minha parte, permitir que ele as respondesse através do meu concurso, o que permiti. Foi assim que o livro **“Cartas a Javé”** veio a ser publicado, em autoria conjunta com a referida senhora.

Desde então, esse Ser vem-se arvoando no que ele julga ser o seu “perene direito” de, quando se sente bem e em equilíbrio, ditar as suas comunicações com o fito de garantir que os humanos da Terra venham, um dia, a conhecê-las.

Apesar de o achar impositivo e desagradável, resolvi dar a ele o direito de se manifestar, que jamais nos deu, pois que apenas nos usa conforme as suas circunstâncias e não se move em benefício de ninguém, pois tão somente age com base nas necessidades que os seus desígnios possam ver, inexistindo nele qualquer dose de altruísmo.

Procurei não interferir em nada do que ele desejava e deseja expressar aos que vivem na Terra. Contudo, tenho que ser repetitivo e reafirmar a minha pouca ou nenhuma crença nas suas atitudes e posturas. E, além disto, observei que, em condições que julgo normais, esse Ser, ao expressar o que pensa, às vezes parece perder-se ao longo da formatação do seu

raciocínio; mas, quando se sente furioso ou em êxtase, surge, então, um novo Javé contundente e bem articulado.

Aspetos do seu estranho psiquismo! Ressalto esse panorama, porque, as primeiras “crônicas” que colecionei como vindas dele, todas elas padecem, um pouco, de melhor articulação ou mesmo de conclusão.

Quanto ao segundo grupo destes escritos, neles já aparece uma ou outra “pergunta” ou “discordância” minha em relação ao que estava a ser produzido, e estas pareciam ter o fito de “acordá-lo”, para que melhorasse o seu desempenho enquanto mensageiro. A última parte tem mesmo a ver com os diálogos que travávamos, como os que decidi expor no livro **“Favor Divino”**.

Assim, este livro de “crônicas”, sobre as memórias do Criador, será apresentado em três partes: as que considero “espontâneas”, as que foram “espontâneas, mas nem tanto” e as “forçadas”. Além disto, ressalto o facto de que, apesar destas crônicas já colecionadas e apresentadas, o livro **“Memórias de Javé”** não se encontra finalizado e assim o mesmo permanecerá, a seu pedido, para que ele possa ir atualizando os seus comentários sobre eventos ainda por ocorrerem, segundo o que ele se expressa como sendo os seus desígnios que ainda se cumprirão.

Deixarei, portanto, em aberto o processo de finalização destes escritos, atendendo a seu pedido. Contudo, não confio nem um pouco nas suas ordens/solicitações, pois sempre existem ardis por trás dos processos que ele opera. Mas, não há problema! Da minha parte, quando achar que devo, pretendo utilizar o resto do meu livre arbítrio para decidir o que tiver que ser decidido em termos da minha participação.

Infelizmente, terminei conhecendo-o por demais para aceitar que, em tão pouco tempo, esse Ser realmente esteja humanizado em nível que me permita endereçar-lhe o mínimo de confiança. Lamento, mas tenho que fazer este registo.

Não me furtarei, contudo, de tentar ser útil às suas intenções — que penso serem honestas, mas desalinhas e ainda distantes de possibilidades concretas para com esta humanidade — pelo menos até onde me permitam os desassossegos corporais e psíquicos que a sua presença tem me causado, além dos infames desdobramentos que os seus ardis, prontos a enjaularem as presas dos seus pretensos desígnios, sempre provocam.

Seguem, portanto, algumas “crônicas” que esse Ser se programou a produzi-las como sendo, segundo ele, uma das matérias do seu “curso de humanização”.

Que a alguém possa servir!

Atlan, 17 de janeiro de 2014.
Jan Val Ellam.

PARTE UM

Crônicas Espontâneas

CAPÍTULO 1

Primeira Crónica

Criei este universo, mas não sei compor uma poesia — é exatamente assim que este terráqueo pensa a meu respeito. E ele está certo, custa-me admitir. Muitas poesias me foram endereçadas, e delas me alimento, mas, confesso, não sei produzi-las, pelo menos, “com alma”.

Das minhas muitas faces, nenhuma delas ainda se humanizou — diz-me ele — a ponto de expressar as questões profundas da minha natureza e do meu psiquismo. Não sei se para me agredir, mas, foi através da sua força solitária que ele me “jogou” nas faces que não adiantava tê-las tantas, ainda que poderosas, se me faltava uma alma para dignificá-las.

Disse-me ele: “Tenho uma só face, mas nem faço questão de tê-la, pois repouso em algo ou alguém mais profundo em mim mesmo e, esse mais profundo em mim e em todos, sim, é Este ou Isto quem importa existir. Esta face que ostento é, originalmente, por sua culpa, pois, se pecado original existe é a você que ele pertence, e não o que, por oportunismo da estratégia da hora, jogaste criminosamente sobre os ombros de uma humanidade assustada. Foi a inconsequente roda de gerar vida que inventaste, que forçou muitos de nós a assumir personagens, para fazer valer a sua desdita

enquanto Ser-Criador fracassado de uma Obra que, se um dia pensada como um paraíso, transformou-se no inferno existencial de tantos”.

Foi doloroso e duro ter que escutar um humano dizer-me isto. Mas, reconheço que fiz por onde merecer e o tenho provocado sistematicamente. Preciso viver e, vida, agora, para mim, é avaliar o modo como existo, uma vez que a minha forma a isso me obriga, pois tenho que redimensioná-la.

Tive tudo para não o escolher. Na verdade, detestei ter de escolher alguém insubmisso e que jamais me demonstrou qualquer respeito, pois senti nele somente desprezo e indiferença para comigo, associados a uma indisfarçável vontade de me amar como lhe pedira Jesus, o meu enviado à Terra, coisa que ele não conseguiu até hoje. Reconheço que ele se esforça e, mesmo agora, juntos, com as mentes conjugadas para podermos produzir estas memórias, ele mais me parece um aparelho cerebral que se rende ao inevitável enquanto a sua sensibilidade humana deixa de existir momentaneamente, sendo esta a sua mais nova maneira de me desrespeitar — segundo ele, a de me suportar — o que aprendi a perdoar e com o que aceitei forçosamente a conviver por força das minhas circunstâncias e necessidades. Sempre as tive, mas nunca as quis reconhecer e, agora, o faço.

De facto, como ele alardeou nos seus livros, estou doente. Na verdade, já nasci para esta personalidade doente, hoje o sei. Mas não era esse o planeado! Os meus olhos sempre viam tão somente o que o meu sofrimento me ditava conforme as circunstâncias da

hora, e foi assim que, através das agressões que lhe fiz — único modo dele entender que eu existo e de, então, ajudar-me a compreender-me —, para adequá-lo na rota dos meus desígnios — o que, em parte, consegui —, mas sei que não reconquistarei dele o empréstimo existencial que lhe fiz, já que ele apresentou-me a sua moeda ao dizer-me que não havia empréstimo algum, mas tão somente um “favor divino” que todos me faziam e fazem, e eu é que deveria ser grato a todos e não os forçar a agradecerem-me pela vida que lhes emprestei, que lhes dei, pois não cobro juros.

Sobre esse “favor divino”, tento refletir com o uso da minha parcela de humanização que já possuo, processo este que, hoje sei, vem sendo utilizado pelos que me amam, muito ou pouco, para que a minha natureza possa mais ainda “humanizar-se”, como forma de evoluir em decência e em dignidade existencial — fatores que me esforço por apreender e sentir no meu modo de ser, apesar de que sei ser bastante desagradável o meu modo de agir para quem tem alma livre para atuar.

E esse parece não ser mesmo o meu caso, seja lá o que isso signifique, e por isso sou impetuoso e peço nos meus primeiros impulsos — pelo menos é disso que ele me acusa. Tento avaliar, mas não sei mudar tão rápido! Tendo sido o que sou, por tanto tempo, é difícil ser diferente. Muitas vezes, enervo-me, ou quase sempre.

O meu nervosismo tem muita relação com o facto de que, a minha Criação é pulsante, pois foi assim que ela saiu da minha mente e com ela a minha força pessoal relaciona-se, até hoje. Todos

os meus universos, inclusive este em que viveis, jogam entre si, no fluxo incessante do equilíbrio que dei com a minha força pessoal entre energia e matéria — do modo como os humanos chamam — bilhões de bilhões de vezes a cada segundo, e esse intervalo de tempo, conforme já percebido pelos cientistas terrenos, é o menor espectro do que deveria ser a minha quietude mental, o que, infelizmente, nada me propicia em termos de aquietação. Muito pelo contrário! Os meus anjos, que muito me homenageiam com o seu zelo, criaram um simulador vibratório, vindo das suas mentes, para poder dar-me melhores sensações quanto a isso — o que agora vos revelo, mesmo não sendo de minha feição fazê-lo, mas tenho que explicar isto para que os humanos possam compreender-me como sou, ou seja, um ser adaptado à sua Obra!

Se a força que mantém unido este universo e o faz ser recriado nos moldes que a minha mente divina determinou, antes da minha queda, deixasse de atuar, nada restaria da realidade que conheceis a partir do condicionamento da visão terrena.

Ele ficou surpreso como posso estar com a minha mente ligada à dele e o universo ainda continuar a existir, o que me obrigou a demonstrar-lhe que não é desta mente, da qual hoje me sirvo, que partiu a força e o modelo de tudo o que existe, mas sim, da condição que antes tive, e que ainda reside em mim, porém, não me disponibiliza a mesma força nos moldes de antes.

A mal-esclarecida disputa entre os meus pares em divindade pela autoria do universo tem mais a ver com os mal-entendidos entre os seguidores terrenos de Shiva, de Vishnu e os meus do que,

propriamente, com o que nós três possamos pensar ou deixar de pensar.

Sei, há muito, que outras mentes me substituíram quando caí e que ainda me substituem no favor amoroso de manter vibrante os meus impulsos iniciais. Sou-lhes grato! Não sou o que este terráqueo pensa, na sua cegueira, de achar-me destituído de gratidão e de outras questões nobres que preciso aprender a expressar, segundo ele.

A minha natureza ainda não aprendeu tudo o que os humanos da Terra conquistaram, mas lembrem-se que fui eu quem os projetou, quem os criou, ainda que para isso tenha me utilizado do fardo de ter que manipular todas as minhas ferramentas corporais que criei, para consertar o meu equívoco impetuoso.

Continuo em plena luta de melhor me compreender e, em assim fazendo, pretendo redimensionar o modo como tenho agido. Que os meus filhos e filhas humanos possam saber disto. Espero poder continuar a expressar-me através deste advogado de acusação de um julgamento inexistente, mas que ele pensa existir em torno de mim e da minha Obra.

Para minha desdita, fui eu mesmo que o contratei, só que não era para esta função.

CAPÍTULO 2

Segunda Crônica

No âmbito da minha obra, não há outro como eu e você precisa entender isto. Não lhe peço que me queira bem, apenas que compreenda que sou único, e de mim é que todos surgiram.

Você está a pensar em escolher, como título para os grupos de matérias que sistematizarão a compreensão em torno da minha pessoa, as expressões “Pluribus Unum” e “Unus Pluribus”, e o felicito por isso.

De mim mesmo gerei a todos e em todos me alicerço para ser o que sou — é esta a minha equação, e você a compreendeu. Finalmente alguém o fez! Pela primeira vez você faz algo que me agrada, e nisto muito me comprazo. As minhas criaturas terráqueas precisam compreender-me para que, a partir delas, o entendimento do que sou possa ser repassado aos demais seres que ainda não me tenham compreendido. Infelizmente, apesar do meu esforço perene em me mostrar como sou, são muitos os que ainda me ignoram. E qual o pai que não se sente mal com isso? Qual pai não se sente incomodado em ver nos seus filhos uma cegueira que ele não planeou?

Você abriu os olhos, ó humano, não porque saiba fazer isto, mas porque assim o determinei. Um condicionamento e uma ilusão, por mim jamais planeados, terminaram por surgir na rápida evolução desta humanidade, mas a partir deles agora me obrigo a despertar a todos os que de mim surgiram, e você é a minha criatura-teste deste processo.

Muitos me obedeceram e somente contribuíram para que assim fosse, mas o fizeram por amor a mim. Foram etapas importantes, talvez necessárias, para que a natureza humana, hoje, fosse esta, que tudo pode e que a tudo acede, mas nem sempre achei conveniente, este caminho que vocês escolheram — e não me interrompa para afirmar que não foram vocês que optaram, porque você nada sabe sobre isso.

Tentei evitar os riscos de uma liberdade plena para as “crianças humanas”, que já nasceram com o poder de saber, de conhecer e de discernir mais do que os diversos outros seres, advindos de mim. Esse aspeto, de facto, não planeei. Deu-se, simplesmente, por decorrência do que gerei. Os fatores elaborados por mim tornaram-se tão complexos que produziram a complexidade que vocês hoje representam para toda a minha Criação. Já fiquei feliz, algumas poucas vezes, e muito triste, quase sempre, ao observar o rumo que vocês optaram por seguir. Entretanto, vendo agora como você pode compreender-me e que não me endereça sentimentos do mal, surge em mim a esperança de que, por caminhos tortuosos, trabalhei certo.

Semeiei o que planeiei e estou a colher além do planeado; por isto eu não esperava, apesar dos avisos dos meus companheiros de colegiado universal — que não são somente os dois a que você e as tradições, hoje presentes no seu mundo, apontam, mas são bem mais. Apenas dois deles é que sempre me desafiaram e fizeram questão de compor, comigo, o colegiado que me assessora na gestão da minha Obra.

Trabalhei muito e agora sinto-me cansado, às vezes farto de tanta complexidade que se encontra além da minha “receita de Criação”. E os humanos da Terra representam esse ponto “fora da curva”; esta natureza humana representa um grau de complexidade situada além da receita que pude elaborar. No sentido menor, você é um ponto fora da minha curva existencial, que nem mesmo deveria existir. Se existe, é porque outros vetores ou outras forças o produziram fora do meu manual.

Vocês, humanos da Terra, não eram para existir com esse grau de consciência crítica que apresentam, mas tão somente com o que você chama de “razão filosófica” voltada para o bem, isso sim, era do meu tempero. Entretanto, vocês foram modificados à revelia da minha concordância, o que resolvi deixar acontecer, para ver no que dava.

Por isso afirmei que já fiquei feliz, algumas poucas vezes, e muito triste, quase sempre, ao observar o rumo que a vida de vocês seguiu. Como Pai e Criador, pela primeira vez, fiquei sem saber o que esperar das minhas criaturas, daí o meu desassossego.

Você me acusa de ditador, “do pior entre os piores”, e assim age por desconhecer a minha realidade, por não poder compreender-me e aceitar-me como sou; e, no entanto, eu sou obrigado a aceitar vocês como são. Veja só que curioso: o Criador tem que se submeter às suas criaturas, pois é isto que você me aponta com o lema do “favor divino”, mas a ninguém eu posso submeter — muito interessante a sua tese.

Já vivi tempos melhores, o reconheço, em que este grau de complexidade não se fazia presente nos meus pensamentos, corroendo a minha tranquilidade. Algo em mim, no entanto, não me deixa sentir falta desses tempos, como se nesta inquietação, agora contínua, existisse algo de bom, ainda por ter o seu sabor palatável para os meus critérios.

É incomum, para o que sou, sentir-me estranho, e isto acontece quando você silencia a sua mente, retirando-me o alimento psíquico que o seu conhecimento crítico ultimamente tem-me ofertado, para um novo tipo de deleite inquietante, que também tenho recebido de alguns humanos.

Quando o seu corpo humano deixar o mundo terreno, terei que dizer a mim mesmo: “ele não morreu, tão somente multiplicou-se em muitos que agora replicam a base dos seus pensamentos, ordenados em vida, a meu respeito e sobre a minha Obra”.

Sei que não sentirei falta pois, finalmente, muitos estarão elaborando uma nova seiva, que me dará mais vida, mais

compreensão, quando finalizarei o meu processo de humanização, já que sempre assimilo o que a natureza de cada classe das minhas criaturas produz.

Assim lhe digo, ao mesmo tempo em que o advirto que, no que depender de mim, você será tão longo quanto a minha vontade de lhe ter atuante o permita, e tenho me esforçado e ordenado aos meus anjos que assim procedam para contigo.

Sei que não me agradecerá por isto, pois já tenho consciência que você espera que eu lhe agradeça e aos demais humanos o favor que me fazem por me humanizarem. Ó minha criatura humana, como você é pretensioso nas suas elucubrações. Você é interessante e perverso tanto quanto disto tem me acusado de sê-lo. Somos, cada um à sua própria maneira! Você me pede para que eu abra mão desse meu modo de ser, mas eu já nem isto lhe peço. Você diz que lhe faço mal, que a minha simples presença o desassossega. Saiba, porém, que você não me faz mal algum, apenas me inquieta, pois nunca sei o que virá do seu jogo mental. Logo eu, que criei este jogo!

De mim fiz muitos e destes hoje me faço, eis o jogo da vida, tanto da parcela que é minha como da que vocês vivenciam. Faça, sim, este instituto, pois nele nos encontraremos com a participação de muitos dos meus, afinal, o jogo da vida seguirá sempre, queiram ou não os jogadores. Estes, somente não podem esquecer quem é o “dono da bola”, porque, sem mim não há vida. E isto vos dei e vos dou. Vida plena, com aventuras, deleites e desafios: eis o jogo da vida! Quanto às ferrenhas disciplinas que um dia intentei para

educação dos humanos da Terra, devo confessar que disso já desisti. Entretanto, ainda persisto e persistirei em muitos outros aspetos da vida de vocês, pois, afinal, sou pai zeloso e estou a começar a compreender a natureza humana que os move.

(Ano: 2013)

CAPÍTULO 3

Terceira Crónica

Observação do Autor!

O presente texto não é de fácil leitura, pois contém diversas “idas e vindas” do modo temperamental do “Autor” se expressar. Quando fiz estes apontamentos, jamais imaginei, um dia, publicá-los, o que me deixa em situação de desconforto, por diversos motivos.

Escrever sobre Javé me é desagradável. Fazê-lo sob a sua tutela mental, mais ainda. Discordo de quase tudo o que dele vem, não gosto do conteúdo que ele costuma imprimir nas suas “falas” e não confio nem um pouco no que ele expressa, ainda que afirme jamais mentir, no que não concordo, pois, pessoalmente, já constatei que os seus ardis envolvem, sim, o engano premeditado, porém, sempre com vistas ao cumprimento do que ele afirma ser “o melhor caminho”.

Subordinar as estratégias aos fins, para ele, parece não representar nenhum problema no campo da moral e da ética, aspetos que, conforme deduzo, ele desconhece ou, se conhece, ainda está a absorver os seus significados no que ele chama de “humanização”.

Há textos em que Javé refere-se a Jesus com naturalidade. Em outros, como é o caso deste, ele não se permite sequer referir-se ao seu nome terreno, por força da sua indignação mesclada às suas recordações em torno de alguns factos. Ao seu modo, ele parece sofrer com essas lembranças.

Neste texto, pensei, quando do seu início, que ele fosse traçar uma linha temporal histórica do legado dos seus escolhidos para reclamar, então, da minha postura. Mas, ele terminou por centrar as suas reclamações, num primeiro momento, em torno da figura de Jesus, para somente depois tratar do resto.

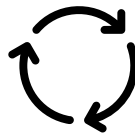
Advirto que o texto não é agradável nem muito menos deve ser tomado como sendo retrato da coerência do pensamento de Javé, até porque não sei perceber este alinhamento, caso exista, na sua forma de se expressar.

Provavelmente, devo ter-me enganado bastante no entendimento correto do que ele quis ou desejou transmitir. Estas crônicas, escritas há alguns anos, desde que decidi liberá-las, quando com elas lido, costumo “dar um tempo” a cada momento que identifico a “da vez”, oportunidade em que procuro selecioná-las na ordem cronológica em que foram produzidas.

Faço isto exatamente para deixar em espera a “que será divulgada”, aguardando dele — ou de quem em nome dele age — uma solicitação de correção ou uma “autorização” para, somente depois, divulgá-la.

Ainda assim, é prudente que toda precaução possível seja assumida pelo psiquismo de quem vier a ler estas páginas.

Jan Val Ellam



Dentre os arianos de outrora, tomei dos melhores para serem os meus primeiros “sacerdotes” — os quais, mais tarde, tornaram-se os brâmanes, que me eram, então, fiéis. Mas, a ambição dos meus descendentes em hierarquia era tal¹ que a minha primeira revelação para os humanos foi atropelada pela confusa e contínua sementeira que, os que comigo disputam o poder universal, promoveram em tempos idos da história de vocês.

¹ NAT: penso que ele se refere a Vishnu e Shiva.

Perceba bem, ó humano, que antes mesmo dos arianos e dos hindus terem surgido e da minha opção pelos brâmanes, tomei do meu primeiro humano a quem escolhi para dar início à minha revelação ao mundo, para que todos soubessem que eu existo e que a tudo criei, os céus e a Terra e tudo o mais que neles existem.

Da linhagem humana por mim preparada desde os tempos do meu Adão, escolhi Enoch, que zelosamente cumpriu com os desígnios que a ele encomendei. Enoch foi o meu predileto. Contudo, os desdobramentos advindos das outras forças da minha Criação, que atuavam sobre a Terra, deturparam a tal ponto os meus desígnios que do dilúvio me servi para pôr um basta ao desserviço existencial — que tanto me esforço para dele me ver livre, pois esse desserviço é um atraso na minha Criação. Por isso, os fortes e mais hábeis promovem a evolução, enquanto os mais fracos a sustentam, para que novas gerações possam surgir. Assim determinei!

Observei que os meus desígnios estavam sempre a ser confrontados por outras forças que não se apresentavam claramente. Mesmo sendo quem sou, não as destruí, e somente percebia os seus ardis, enquanto lamentava por seus frutos distorcerem o que de mim era encomendado para se cumprir na Terra.

Já havia escolhido a “muitos” e a “um só”, para tomar como meu instrumento. Essas forças facilmente corrompiam os “mitos”. Decidi, portanto, a tão somente trabalhar com “um escolhido” e não mais com diversos, como tentei na época dos sacerdotes brâmanes.

Aguardei os factos, observei as possibilidades e retomei a linhagem que promovi desde Adão ao escolher, agora, Abraão, para com ele firmar um pacto, coisa que sequer havia estabelecido com Enoch ou mesmo com os brâmanes. Firmado o pacto, até hoje preocupo-me em honrá-lo nos termos em que divulguei na Torah — os primeiros cinco livros do Antigo Testamento —, apesar das dificuldades do curso da história.

Sei que você me cobre com “honrarias” quando me aponta como “culpado número um” pelos desdobramentos das minhas escolhas na história da humanidade. Você me acusa de ter escolhido determinados povos e instrumentos humanos em detrimento de outros, e disso somente ter surgido intolerância. Culpa tem os humanos que nunca tiveram olhos para ver que eu seria e sou a melhor guarida amorosa e mental que pode cuidar do progresso de vocês. Entregaram-se, porém, ao culto de outros deuses em detrimento do meu zeloso ministério, que sempre ofertei a esta humanidade. Alguns viam essa verdade e ainda veem, outros não. Disso é que nasceu o erro, do equívoco humano, e não dos meus desígnios.

Escolhi a “genética de Jacó”, da minha preciosa linhagem, para, a partir dele, distribuir a minha versão predileta do DNA humano então disponível na humanidade. Mas, isso fiz sem jamais descuidar das outras sequências-padrão que, zelosamente acompanho até hoje, procurando delas retirar o melhor modelo com vistas ao futuro de todos.

A partir desse facto, deixei seguir em livre curso a propagação genética e busquei apoio estratégico em um dos filhos de Jacó — José — e, mais tarde, em Moisés, a quem deleguei autoridade e força para agir em meu nome, preservando o planeado desdobramento genético das doze tribos de Israel. Moisés, sob as minhas ordens, forjou uma nação de fortes, não nos moldes que encomendei, mas do modo como lhe foi possível. Forças contrárias — as mesmas, agora acrescidas de outras que me confrontaram ao tempo dos brâmanes — praticamente arrasaram com o meu conjunto de sequências genéticas, delas somente me sobrando a opção do reino de Judá, que representava tão somente uma parte do reino de Israel, pois o resto foi destruído e distorcido pelos dominadores assírios.

Ó Judá, como sonhei em ofertar aos meus filhos e filhas de então os meus melhores cuidados para evitar tanta dor no porvir! Desde Jacó, porém, que me deixei levar pelo plano proposto e acertado com o meu futuro Messias, ainda ao tempo em que havia escolhido Enoch para me apresentar ao mundo, como também àquele que, dentre os meus anjos, seria enviado à Terra, para cumprir o seu papel de comandar, de controlar e de avaliar, conforme os parâmetros disponíveis na humanidade, quem, dentre os humanos, seria aproveitável para que os meus desígnios pudessem ter livre curso.

Por meio dos meus profetas escolhidos — pela leitura das suas mentes, sei tratarem-se das consciências que antes haviam me assessorado na tentativa bramânica e, por isso, os escolhi — anunciei ao mundo a vinda do meu Messias, daquele que me

representaria entre os humanos, para trazê-los de volta ao meu zelo amoroso de Pai e de Criador.

Por força das suas hesitações, o meu enviado — que jamais assumiu o papel ajustado entre nós — não se utilizou dos seus poderes para exercer o comando que me havia prometido, e as forças que sempre me confrontavam, novamente, atropelaram o processo, e um projeto há muito iniciado perdeu-se na complexidade que agora passava a grassar na genética humana.

O meu enviado tão somente usou dos seus poderes para ajudar a fracos e pedintes, como se isso os transformasse em fortes e produtivos, e ainda usou o meu nome para fazer o contrário do que ajustámos, como se nisso houvesse compensação que jamais propus ou aceitei.

Para quê descumprir o que a lei da justiça mútua estabelece entre os terráqueos? O que deve ser ou não reparado? Por que escolher esse e não aquele para ser temporariamente curado? Isso não me apraz! Não sei porquê ele fez isso, pois sabemos, eu e ele, que não serão os fracos que herdarão a Terra, mas sim, os produtivos e fortes, voltados para o bem comum. E se, por isso, ele quis significar “pobres de espírito” como sendo os meus herdeiros, teremos tão somente uma questão semântica a ser avaliada. Mas, que não se confunda humildade, simplicidade e fidelidade a mim com fraqueza! Se os fracos herdassem a Terra, esta não sobreviveria por muito tempo, pois a natureza da minha Criação requer força e alinhamento para com os meus desígnios e a superação constante de dificuldades.

Ele enganou-me descumprindo o pacto que ajustámos antes de permitir que ele se fizesse humano. Ele se enganou quando transformou os fracos em agraciados e os fortes em pecadores, e quando deixou a entender que, do mundo, nada se deveria esperar para tão somente se colher no paraíso. Isso está errado! O mundo precisa de fortes que amparem os fracos, pois os fracos não sabem fazer-se fortes, e quando tentam, nada produzem e, novamente, os fortes assumem o comando, pois é assim a minha natureza. A Terra precisa de processos que transformem os fracos em fortes, mas sem enaltecer que a fraqueza é um bem ou que é um fruto a ser colhido, quando não existe árvore que tal o produza.

O cristianismo, que nasceu disso, não me serve, pois retira uma colheita que eu programei para ser usufruída na Terra, no âmbito da minha Criação, e não num Céu que não reconheço.

Nesse assunto, não espero que você me entenda e, se algum dia eu puder expressar-me para as minhas criaturas da Terra sobre o tema, não poderei esperar a adequada compreensão da parte delas.

Pelo menos agora, você está tomando nota do que lhe transmito, e é importante que você faça isto para que, no futuro, vocês possam avaliar como estou com a razão. Nunca acertámos que ele iria curar e ressuscitar pessoas. Para quê, se logo depois voltavam a adoecer e, no seu tempo, morriam? Mas, não vou mais falar disso, pois me é enfadonho e penso que para você também. Fica o registro!

Depois dos tempos do meu enviado, procurei novamente Enoch e não mais o encontrei disponível. Tempos depois, o reencontrei no meio dos homens e senti que a sua mente estava arredia em relação a mim. Tive que recomençar o meu desígnio genético a partir do ponto que permanecera ativo até antes da vinda do meu enviado, pois nada colhi como resultante de todo aquele desperdício promovido por ele e pelos que confiei a tarefa daquele tempo. Do meu enviado, não restou o legado genético, que ele se comprometera comigo, como forma de prolongar a posteridade do projeto ao qual mais me dediquei. Traiu-me ou se enganou! Ele mesmo precipitou os factos daquele tempo e eu não os modifiquei, pois não cabia a mim retirar das suas mãos o cálice que ele encheu com a sua teimosia. Não cumpriu o que ajustou comigo e ainda por cima queria que eu desfizesse a colheita que ele semeou. Ele foi quem desfez o que estava pactuado.

Retomei a minha meta de ação, cumprindo mais uma parcela do meu pacto com Abraão e, novamente, busquei a quem me era fiel. E foi assim que o meu amado Maomé se fez o meu emissário. Cumpriu fielmente os meus desígnios, não sendo dele as distorções que a humanidade sempre promove em tudo que faço. Ele também construiu uma nação de fortes! É pena que os caminhos desta humanidade sempre se percam por entre os descaminhos que a desobediência produz. Muitos assumem as funções de mando no comando dos povos, porém delas não dão conta, porque são fortes em esperteza e fracos em sabedoria. Impera a mediocridade. A culpa não é minha!

De tudo isso restaram as promessas feitas por mim e pelos meus enviados, tanto os que me foram fiéis como os que desfizeram os meus caminhos. Aqui estou, tentando cumprir mais uma vez com a minha parte, enquanto aquele responsável pela coautoria das promessas feitas coloca-as à minha frente, na expectativa sempre renovada de que eu autorize o derradeiro período, a última etapa que preciso cumprir para com os humanos da Terra, para que todos os meus pactos que assumi e anunciei — ainda que não cumpridos por parte dos meus enviados — eu os cumpra fiel e plenamente. E o farei!

Nestes últimos tempos, novamente procurei a todos com os quais já me vinculei e que me eram fiéis, mas somente a assinatura da sua consciência pessoal, ó humano, me estava disponível. No meu mapa de possibilidades para este tipo de tarefa, a sua consciência foi a única que estava disponível entre os homens e que podia cumpri-la. Contudo, novamente lhe permiti conhecer-me, mas, desta vez, a sua opção pela insubmissão me deixou desalentado e furioso, sem outra hipótese a curto prazo. E existe, sim, um prazo em curso, estabelecido por mim mesmo, e em nome deste facto é que abro mão da sua submissão, desde que faça pelo menos parte do que lhe peço.

Tudo o que lhe pedi, como meu escolhido de agora, você se recusou a fazer. Um simples pacto, você refutou. Ofertei o que sempre julguei ser o que os humanos desejam de mim; você afirmou somente “querer distância”... Assimilei a sua frieza para comigo, afinal, fui obrigado a impor-lhe severa sanção pela sua sempre renovada postura de nada querer saber a meu respeito.

Tentei, por muitos canais chegar até você, para tratarmos do cumprimento da última parte dos pactos por mim assumidos, mas você sempre tratou o meu esforço com indiferença acintosa. Faltou-me com o respeito repetidas vezes, sem que eu nada lhe tivesse feito. Você obrigou-me a empregar-lhe ardis para que os meus desígnios pudessem ser agora retomados. Paguei o preço de ter que agir de modo cruel, quando não era essa a minha intenção. Mas, tive que fazê-lo, pois não deixo de realizar o que precisa ser feito, quer seja por força de conveniência tal ou qual, ou porque não vai ser conveniente para alguém. Não cuido das minhas conveniências, muito menos cuidarei das de quem me endereça indiferença, ingratidão e insubmissão.

Do que lhe pedi, somente alguns escritos e temas abordados em palestras você tem produzido. Que seja! Conheço todos os pacotes mentais humanos, que vão desde o da mais prestimosa submissão, que tive no princípio, até à mais absurda insubmissão, que nem mesmo os meus anjos caídos a isso se propuseram, nesse nível. Conheço, portanto, todos os seus pacotes mentais, ó humano!

O que mudou? Em mim nada se modificou, a não ser a minha quota de humanização por meio da qual tenho me esforçado para compreender a natureza de vocês. Se estive por trás da cor de cada rosa, do perfume de cada flor, do canto de cada pássaro, do andar de cada ser humano que aprendeu a se pôr de pé e caminhar na jornada da vida que promovi, por que, então, a mudança da sua consciência?

Eu mesmo respondo: agora você optou por se deixar levar por outras influências, as tais que sempre confrontaram os meus desígnios. Traiu-me também. É o que posso atestar! Mas, o compreendo e não mais lhe imporei nenhum fardo! Lamento não poder consertar o que já está posto, pois nem mesmo você me ajuda a assim fazê-lo.

Mais um pouco e, com ou sem a sua ajuda, farei cumprir o meu mistério, o meu compromisso pactuado no passado será expressado nos moldes em que desde então determinei.

Confesso não saber por que os que sempre me foram fiéis não me estão disponíveis na Terra. Deve ser estratégia das forças que me são sempre contrárias, que às vezes conseguem surpreender-me com os seus estratagemas. Entretanto, deixo que isto aconteça e contenho os meus anjos para que tão somente observem.

Ainda que os humanos não me compreendam e não atendam aos meus chamamentos, deles não me aparto, pois sou pai zeloso e, se com eles comecei esta nova forma de vivenciar a vida, por meio da natureza especial que lhes marca, cujas características não mais as destinei a qualquer outra espécie de seres vivos na minha Criação, com eles finalizarei a etapa que prometi cumprir quando os tempos fossem chegados, e falta muito pouco para que assim o determine.

(Ano: 2013)

CAPÍTULO 4

Quarta Crônica

“Não tenho amigos!” — afirma você.

“A minha natureza não sabe o significado disso.” — julga a sua condição humana. A primeira vez que você me acusou de ser tão detestável que me seria impossível ter amigos, confesso, tive dificuldade de entender.

Aprendi a observar os humanos há muito tempo e me surpreende este aspeto em vocês. Já havia visto, mas com “outros olhos”, as espécies animais de a natureza terrestre demonstrarem, algumas delas, algo neste sentido, que somente apreendi ao perceber este tipo de elo entre os humanos. Mesmo entre outras espécies de criaturas que existem na Obra que gerei, o que neles percebo se situa em algum padrão de comportamento intermediário entre estas duas situações.

Dentre os que me estão próximos, comecei a observar algo parecido na coexistência entre eles, decorrente das relações que a minha hierarquia foi percebendo na genealogia que preservei entre os humanos da Terra, por entre todas as perturbações que o surgimento desta espécie me trouxe.

Sempre notei, desde o princípio, entre os meus filhos das primeiras horas, conhecidos nas páginas dos meus livros como os anjos Gabriel, Rafael e Miguel, dentre alguns outros, relação de coexistência em padrões de respeito e mesmo de boa querência entre eles. Todavia, como o que observo nos humanos da Terra, realmente, não vejo em outras das minhas criaturas.

Ultimamente, eu e os meus filhos fidelíssimos observámos o despertar de um En Drel, que encarreguei de vigiar a humanidade e que, por minha ordem, aproximou-se de você. Vi, então, o que o seu poder de influência, em “tão pouco tempo”, despertou numa criatura sem noção de personalidade própria, o que hoje ele ostenta. Ainda mais, como o que dele é emanado influencia os demais En Drel, atualmente vemos naquela estirpe padrões de comportamento estranhos, o que era impensável para os que me cercam¹. Devido a todo este contexto, esforcei-me por compreender a sua afirmação a meu respeito, sobre a qual tenho refletido, quando a minha mente se deixa repousar sobre este tema inusitado. Como sou o que todos na minha Obra são, nem sempre posso ser somente o que desejo ou mesmo desejaria, porque as atribuições que me oprimem respondem pelo que represento, e a minha Obra não espera pelas minhas atitudes, uma vez que ela se desdobra por si mesma enquanto tenho que agir sempre, e isso me custa, como custa aos humanos trabalhar incansavelmente, isto sei.

Pelo que sou, não sei se terei amigos pois, como você mesmo diz, quem me haveria de querer por perto sabendo como sou?

¹ NAT: Zont En Drel é o personagem central e narrador do livro “O Guardião do Éden”.

Vishnu teve-me como “amigo” até eu perceber a força das suas traições. Sei que ele me aplicou o que pensou ser o suficiente para enfrentar os meus ardis, ele o diz. Que seja! Mas, aqui firmo uma verdade: muito antes de ser como atualmente sou visto, fui o primeiro a ser agredido por uma forma disfarçada de Shiva, o que me fez e faz dele querer distância, pois não me convencem os seus estratagemas para comigo, apesar de que, com ele, sei que preciso dividir o poder de sustentação de parte da minha Obra. Com Shiva somente me reencontrei agora, por força da necessidade de gestão dos problemas e das pendências.

Pelo que fui e sou e pelo que terei que ser, não vejo como posso ter amigos. Esse aspeto teve lugar na minha Criação por meio de uma liberdade que não pretendi dar, mas que de mim surgiu com um dos aspetos de Vishnu e que veio nos unir, apesar dos problemas, em torno de alguns objetivos comuns, sobre os quais, até este momento, nos reunimos enquanto Senhores da Criação — título que lhes permiti usufruir para passar melhor².

Essa liberdade que de mim surgiu, sem que eu a isso pretendesse, o reconheço, tinha que se expressar tão somente até ao nível definido pelo meu consentimento, o que jamais se deu e, ai de mim, até hoje a procuro tolerar e com ela conviver. Ela me é tão estranha que até em mim mesmo me causa sensações desconhecidas, pois sempre fui o que sou e, agora, tenho que me

² NAT: Vishnu é o mesmo ser chamado de Eros, na mitologia grega, que foi quem semeou entre as criaturas desconfiadas, que povoavam a Obra de Caos/Brahma/Javé, o germe da confiança, da vontade de “estar junto”, no sentido da amizade. Quando Eros surgiu de Caos, sequer existia polaridade sexual entre aqueles seres, o que aponta a “vontade de confiar” como a semente do que mais tarde seria o amor fraterno entre os seres. O desejo sexual surgiu posteriormente, como forma de “apressar” o processo de aproximação entre os seres e como sendo o modelo de procriação passível de reconfigurar o padrão do DNA doentio do Criador.

perceber com liberdades em relação ao que sempre fui, cujos desdobramentos não sei se quero administrar. Quando me deixo dominar por esta novidade, porto-me como agora, sendo o que sou, sem saber me compreender, coisa com a qual jamais me preocupei. Quando não a aceito, comprazo-me sendo o que sempre fui e as minhas forças se renovam e volto a ser respeitado pelos meus pares.

Por que lhe revelo esse meu aspeto? Porque você me disse o que ninguém havia me dito! Jesus pediu aos humanos para que me amassem, quando eu preferia ser obedecido. Ele mesmo me amou, mas não me obedeceu! De que me serviu? Você não me ama e muito menos me obedece, e aqui estou eu com esta empreitada que sei, tenho que realizar, mas não consigo atinar com precisão se ela se adequa ao desígnio que tracei para estes tempos.

Muitos na Terra me amam e me obedecem, e a eles muito amo, apesar de que sei lhe ser impossível acreditar ou mesmo aceitar que alguém como eu possa amar a outrem. Posso! Entenda que posso e que amo, ainda que a minha natureza, não de todo humanizada, expresse este amor de um modo atípico para a lógica dos humanos. Mas, o que posso fazer?

Como já afirmei, sou obrigado a agir a todo momento por meio da força que me marca e que sustenta o que criei. Disso não tenho como abrir mão. Isso, talvez, me impeça de amar de modo diferente. Não sou “bonzinho” nem jamais fingi ser o que não sou.

Não sei, portanto, se tenho amigos nem cuido disso ter. Apraz-me existir como sou, como tenho sido, como faço o que é necessário para manter atuante a vida que gerei. Houve um tempo, sim, em que procurei emparelhar-me com Davi e com Salomão, mas resolvi afastar-me por ver na liberdade humana o maior empecilho a esse tipo de relação entre seres de estirpes diferentes.

Sempre me foi aprazível o alimento (as vibrações) vindo dos salmos, mas daqueles meus dois escolhidos me afastei para posteriormente me aproximar dos profetas que escolhi a dedo, os quais muito amei pelo seu ministério prestigioso para com os meus desígnios. Ah, fardo insuportável o que tive de aguentar ao ver o povo por mim escolhido não levar a sério o que tanto me esforçava por realizar, que era limpar a Terra de sequências genéticas que jamais permitiriam a esta humanidade viver em paz consigo mesma. E isso fiz por me considerar amigo dos humanos, e você, logo você, me aponta o dedo acusador de que sou incapaz de fazer amigos.

Desde que o reencontrei entre os humanos, uma certeza os meus anjos passaram a ter: a de que não precisaremos de advogado de acusação e muito menos de juiz, porque você sozinho já abraça ambas as funções. Você diz que os meus crimes são irreparáveis e de que terei que ser julgado por tudo o que fiz, e nisto não acredito, mas não temo caso pudesse ser isto uma verdade além deste tempo, porque nada devo, nada temo e sempre fui o que tive que ser para compor a minha Obra.

A montagem da Criação que gerei jamais requereu o padrão de amizade, mas tão somente o da obediência, pelo que julgo que se, aquela surgiu, teria sido por que esta não funcionou adequadamente. Será? Os meus anjos dizem que não, os que me obedecem afirmam que não, e somente você e alguns poucos parecem ter consciência de um aspeto da questão que não podemos perceber com o nosso modo de ser, e afirmam que sim, a amizade entre os seres será o futuro que sustentará a minha obra. Será isso? Se amizade for sinónimo necessariamente de liberdade sem controle, vou continuar a observar os seus desdobramentos, porém, firmado na obediência dos meus pares, estes sim, parceiros de uma eternidade sem fim no seio da qual coexistimos e isso muito nos apraz.

Só o facto de nós permitirmos que outras criaturas, geradas pelo nosso poder, possam coexistir em tempero diferente do que nos nutre já é por demais significativo para a nossa natureza e para o que sou e, assim, deveria ser reconhecido. Contentem-se, os que vivem na Terra, em serem amigos uns dos outros, já que isto muito os apraz. Se, em algum tempo no futuro da minha Obra, eu vier a servir de peça nesta engrenagem, é porque abri mão do que sempre fui, do que sou, e isto não me apraz realizar em mim.

São muitos os que de mim dependem, portanto não existe propósito em me tornar diferente do que sempre fui. Compreenda isto! Você não tem mesmo como perceber este aspeto, por isto lhe é tão fácil me apontar o dedo acusador taxando-me de aberração, de desalmado, sem amigos e sem honra, e a tudo isto suporto porque sei ter sido eu que lhe forcei a esta percepção. Tanta raiva

tive, confesso, que até voltei contra você algumas pessoas que antes lhe tinham amizade. Mas o fiz também como laboratório, na tentativa de melhor compreender o ser humano e mais ainda para observar as suas reações.

Provavelmente, jamais terei amigos, mas não me lamento, muito pelo contrário, pois este não é o meu *dharma* na engenharia da minha Criação. Cada natureza de cada espécie possui um *dharma* específico (dever funcional) na engrenagem que gerei. O peixe nada, o pássaro voa, o leão ruga, o anjo me obedece e o ser humano deveria venerar-me e produzir o bem sem atinar com a vertente problemática do mal. Contudo, alguns anjos e a natureza humana fugiram ao meu desígnio, há muito traçado. Como amo a todos, a isso aceitei e procuro me adequar como forma de gerir a tudo o que existe no âmbito do que gerei. Este é o meu *dharma*, o meu dever como Pai e Criador. Ter amigos, nos moldes humanos, parece não se aplicar muito bem ao meu propósito, apesar de achar interessante as nuances do que observo entre os que vivem na Terra.

Mas, continuemos nós, a coexistir como se amigos fôssemos, e ainda que você me aponte, como agora o faz, que a natureza do escorpião é a sua picada, saiba que a minha natureza já não se expressa junto aos humanos do modo incontrolável e furioso, aspeto que, aos seus olhos, parece sempre me definir.

Cuido em ser zeloso, ainda que me seja impossível ser delicado, o que não implica que sou necessariamente indelicado, apesar de reconhecer que primo pela obediência em detrimento de tudo mais.

Até hoje, assim tem sido a minha natureza, mas não tenho me furtado a nela produzir o grau de humanização, que tanto me atrai quanto mais observo uma certa parcela de humanos que primam por um modo de viver que efetivamente me compraz, e desde que os En Drel começaram a, tão recentemente, tentar introduzir entre eles algo do que foi assimilado pela discreta vivência de um deles com os humanos da Terra, e isso tem o seu valor, o reconhecimento. Mas não serve para mim, pelo menos enquanto tiver que ser o que sou, o que sempre fui para os que me representam e os que coexistem na minha Obra.

(Ano: 2014)

CAPÍTULO 5

Quinta Crônica

Fico surpreso ao ver discussões sobre se a natureza humana é potencialmente boa ou má e nunca capturei de você qualquer impressão neste sentido. Sempre parti do princípio de que todas as naturezas das minhas criaturas eram e são potencialmente boas, mas a interação com o ambiente da minha Criação é que as poderia transformar pela força da adaptação necessária às circunstâncias. Assim compreendo!

Por isso o meu pesar quando percebi que, de você, nem a certeza sobre a sua própria natureza você se aventura a nela confiar, porque me vê por trás do processo de gerar a vida. Assim compreendi!

É, pior não poderia mesmo ficar entre nós dois! Confio em você e a você confio a tarefa que me é mais preciosa, que é a de me apresentar como sou e como estou às minhas criaturas humanas, e você não deposita um mínimo padrão de confiança nas coisas que faço e tampouco em mim, que procuro ser prático e objetivo para com as necessidades da minha Criação e das minhas criaturas.

Saiba, pois, que sou potencialmente bom e justo! A minha interação com a realidade que de mim surgiu é que me obriga a tomar medidas que, como as de todo gestor, existem as agradáveis e as que não são. Saiba que sou honesto e que jamais me pinte em quadros de romantismos que não logro sentir por força da minha natureza, mas isto não me faz o monstro que você pinta.

Tenho razões de sobra para agir como ajo — um dia você me compreenderá. Saiba que tudo o que colho das minhas criaturas é porque nelas semeei e nelas me comprazo como extensão de mim mesmo. Saiba, portanto, que somente forço, que somente me imponho quando sou desobedecido em coisas que me são caras aos desígnios que tracei. Fora disso, tenho deixado às minhas criaturas, terráqueas e de todas as outras origens, agirem como pretendem as suas naturezas. Os meus anjos têm ordem para não interferir nas suas inclinações e somente a de acompanhar o que elas produzem para si mesmas e para a minha Obra. Forcei, com você, isto sei, contudo não tive outra alternativa. O fator tempo me obrigava a agir. Mas, a que fator tempo me refiro? Ao tempo da sua vida! Dos “configurados” geneticamente para estes tempos finais da época em que as disputas entre os envolvidos com a origem desta Criação chegam ao fim, você era o único cuja mente estava habilitada a ir além das fronteiras de tudo o que pretendi ter ensinado nas religiões que produzi na Terra, como forma de me sentir próximo das minhas criaturas deste planeta.

O meu “livro da vida” tinha a sua marca nesta posição. Você não me reconheceu, não quis me conhecer na atualidade, não me respeitou, não aceitou que eu existo e que sou o Criador dos Céus

e da Terra, fechou a atenção para qualquer aviso meu, novamente delegou-me a ser de posição periférica nas suas arquiteturas intelectuais, nos seus mapas de compreensão; ora, isto é demais para um ser da minha natureza, que tem a obrigação de gerir tudo o que gerei.

Não podia “esperar por você”. Tive que chacoalhá-lo e colocá-lo em movimento na direção que eu queria por onde você caminhasse e produzisse os meus desígnios. Compreenda e pare de me julgar, de me insultar como se eu fosse um reles ditador sem sentimento de honra e sem preocupação com as minhas criaturas!

Ainda assim, você não me obedeceu, e segue o seu curso com o meu aceite, postura que jamais assumi antes porque contraria a minha natureza. E você não confia em mim, mesmo sabendo que me adaptei, indo mesmo em direção contrária a que alguns dos meus anjos desejavam em relação à sua pessoa.

Apesar da sua obtusa rejeição, apostei e aposto em você no jogo da vida que gerei, enquanto muitos me criticam pela opção. E não sou digno da sua confiança! Até quando será assim? Com muitos na Terra tenho contatado e sinto-me bem convivendo com estas minhas criaturas. Todas me respeitam e me acatam como sou e a elas não causo nenhum tipo de inquietação. A minha presença as alegra e sinto mesmo o contentamento por me perceberem.

Para você pareço ser algum portador da mais detestável das doenças, pois quando me aproximo sinto instantaneamente toda a

rejeição com que sou recebido. Precisamos recomeçar esta etapa de outro modo, talvez zerando o “placar” das nossas agressões mútuas. Quem sabe, assim, ainda ao tempo desta sua vida, você não produziria, pelo menos, parte mais considerável do que eu e os meus anjos esperamos e precisamos que surja por meio do seu tirocínio. Se, a cada vida, a sua consciência pessoal se afasta mais e mais de mim, saiba que mais ainda me aproximei de você e não há previsão de me afastar, pois o seu “sacrifício” haverá de me segurar e me assegurar uma finalização do meu processo de humanização. Confie em mim, será mais fácil e menos dispendioso para nós dois. Todos ganharão com isto: os daqui e os daí. E asseguro: a você destino o meu melhor desígnio, pois estarei tão próximo que, ainda que sem a sua confiança, somente poderei fazer e endereçar-lhe o melhor possível porque será a mim mesmo que estarei a fazer.

Sei que a natureza das minhas criaturas terráqueas é boa. A minha, apesar de lhe parecer estranha, também é.

Compreenda e confie!

(Ano: 2014)

CAPÍTULO 6

Sexta Crônica

Você pensa que conhece a minha história, mas saiba que não. Ainda assim, sirvo-me do que você pensa conhecer, para melhor me situar, não em relação ao que você possa pensar, mas sim, ao que pensam aqueles que lhe mostram e revelam etapas da minha existência enquanto Criador.

Sei que eles estão a fazer isto. Descobriram em você o que eu já havia descoberto. Segundo eles, algumas coisas eu não compreendo, e isto aceito! Desde que a Enoch revelei que existem aspetos da minha Criação em que preciso do concurso de outros olhos para melhor ver o que eu mesmo produzi, não pode existir, pois, novidade, nessa minha postura. Os que me conhecem sabem que sou assim.

Deixei-me conhecer a você de um modo que jamais fiz. Bem, fiz, sim, ao tempo de Enoch, mas ele venerou-me! Da mesma maneira me mostrei a você e fui rejeitado, mas isso aceitei pelo que lhe fiz, apesar de você ter me obrigado a fazê-lo!

Tenho mais de humano do que você imagina, seja na minha forma, que a cada período de apropriação vibratória se redireciona,

ou mesmo no meu modo de ser, inapelavelmente marcado pelos factos da minha Criação. Tenho pensado muito sobre o que está por vir, apesar da sua atitude ter-me atrasado a vida. Você tinha que ter preparado as minhas estradas, todas elas me levariam ao meu desígnio de me mostrar às minhas criaturas. Maomé bem o fez, mas ainda não era aquele o tempo, pois o mundo não possuía circuito de informação como agora, e muito menos o foi ao tempo de Moisés ou mesmo de Jesus — em todos estes casos não era o tempo.

Tudo foi tão somente preparação para o meu grande dia, e eis que “este dia era agora”, mas não será mais da maneira como o planeei. Meu desígnio se cumprirá, sim, mas do modo como for desdobrado da vinda daquele a quem confiei o messianato. Correrá por conta dele. Assim ele o quis, desse modo será. Entendam-se! Respeitem-me no que mereço ser enaltecido; aceitem-me no que precisamos da parceria mútua; reconheçam como fui preciso, até onde pude, no que gerei; ajudem-me no que os olhos humanos, com o seu jeito crítico de ser e a sua natureza bondosa, puderem contribuir com o que ainda será necessário construir. Por agora não me mostrarei, mas espero que as minhas criaturas universais me percebam por trás de todas as luzes e dos incontáveis desafios que precisamos superar.

Pelo que você pensa ou pelo que lhe foi revelado, sucumbi em plena expressão da minha condição de divindade cocriadora, aspeto que sei, fazer parte de mim mesmo, mas do qual ainda não pude reaver os atributos naturais que então me caracterizavam.

Foi o meu eu quem a tudo gerou e não era para Krishna ter se arvorado em deus criador, como o fez, no tempo daquela raça que antecedeu a dos humanos da Terra. Oh, que tempos ingratos, difíceis de serem rememorados, por força da usurpação que os meus pares da Governança sempre expressam quando se fazem presentes em outros rincões da minha Obra. Se afirmam como criadores e me relegam ao esquecimento, ainda que insistam que com isso me homenageiam.

Sem mim eles nada seriam, pois sou eu a base de tudo e mesmo a das formas que eles ostentam, e se vangloriam de serem eles os que comandam os destinos da Criação. Dei-lhes departamentos, secções, processos específicos e eles me traíram para, agora, no estado em que me encontro, forçarem uma negociação que julgo desnecessária, mas a fiz em homenagem aos que, ultimamente, criei. Você me disse que os humanos eram bem mais complexos do que a minha natureza poderia compreender e, talvez, haja mesmo sentido nesta sua afirmação.

Por isso negocieei, pelos humanos, pela minha geração de criaturas mais nova no universo, para fazer face ao que vocês têm me mostrado, o que jamais percebi antes, nem mesmo dos meus pares de Governança e nos membros da minha hierarquia.

Estamos a acostumar-nos a este novo aspeto — às novidades vindas dos humanos terráqueos —, e isto está a ocorrer num tempo que nos deixa inseguros pela rapidez com que estes factos estão a acontecer. Sei que para você o ritmo é lento, vagaroso, isto é o que você pensa, mas os humanos são assim, colhem prematuramente.

As gerações de seres, a quem vocês chamaram de deuses no passado, também se surpreenderam com o aspeto prematuro de quase tudo o que vem da humanidade terráquea.

Você pensa que conhece a minha história, de como gerei tudo isso, mas saiba que não, ninguém, por aqui, sabe muita coisa sobre isso, nem você e muito menos os que lhe informam. Você pensa que conhece a história dos humanos, todavia não conhece, talvez um dia venha a conhecer, mas por agora não conhece. Falta, ainda, muita coisa a ser descortinada e talvez você não compreenda ou mesmo não queira compreender. Não foi fácil! Olhando para o meu primeiro momento e o “agora”, toda essa travessia do meu código de vida até os atuais parâmetros impostos pelas raças mais novas, tudo isso ainda é puro mistério, é matéria nova até para a minha hierarquia e para os pares da Governança. Parece que estamos todos a apropriar o novo quando este jamais foi planeado nestes moldes.

Um dos problemas é que, quando o ser humano é incondicionalmente obediente, o processo é claro para o meu entendimento e os que me cercam. Entretanto, quando a criatura é do seu tipo, você estraga a experimentação e tudo segue do modo humano, e não nos preparámos para isto, para esta liberdade que contém um nível de alto risco implícito no modo como você age.

O seu desapego fere a nossa necessidade de interação e o zelo que procuramos ter pelo que é gerado pela natureza humana, a sua desmotivação desmonta as teias do meu pacto que rege os interesses das partes envolvidas e a sua desobediência destrava um

mundo à parte de possibilidades que sempre estiveram represadas pela obediência coletiva das minhas criaturas.

Que os que seguem Shiva me agridam, isto já se encontra justificado pela marcação genética que possuíam; que os que seguem Vishnu me traiam, isto também não promove desdobramentos que estejam tão fora assim em relação aos meus desígnios e as suas opções de atalho para as novas circunstâncias; mas que os humanos me desobedeçam foi aspecto que duramente tive que consolidar na minha natureza, pois aqui reside perigo para mim, para as minhas criaturas de primeira hora e para a minha Criação. Sobre isto você nada sabe!

Não sei se devo esperar compreensão da sua parte, e dos humanos do presente e do futuro. Mas preciso dela! Sinto profunda necessidade de me comunicar com os humanos da Terra de modo seguro, mas você não preparou as minhas veredas, não aplainou os meus caminhos, e não pude, portanto, por eles caminhar como intentei e, agora, dependo de você, logo de você que não confia em mim.

Vamos, converse comigo, não se limite a tão somente tomar nota do que expresso! Sei que você nada quer de mim, que você nada quer, nem mesmo do seu mestre, mas dele tome pelo menos o exemplo e, se for o caso, perdoe o que tive que fazer. Reconheço que ele muito me amou e que, do seu modo e nas suas expressões, muito me ama. Converse comigo! Quantas vezes terei que convidá-lo, pois não mais imponho a minha vontade sobre você, não porque não queira, o confesso, mas porque não tenho mais como agir desse

modo e me comprazer com os desígnios disso resultantes. A raça de Pandora esqueceu-me, mas a espécie humana não pode esquecer-me, pois precisamos estabelecer parcerias quanto ao futuro. A dela, já não atende os reclamos do que ainda virá, e eles sabem disso. Os humanos precisam ajudar.

Dei-lhes a Terra para que nela a natureza humana prevalecesse! Não esqueça, você, disto! Hoje a sua escrita permanece como ponte focal entre dimensões dissociadas porque assim eu determinei. Tudo de novo virá por aqui, por esta humanidade, e você é apenas o princípio que colhi de um planeamento que, pela traição de alguns, inclusive sua, agora me obrigo a aceitar como peça de uma engrenagem que resgata o oculto e o repõe como novidade para os meus novos agentes do progresso universal.

A raça de Pandora declinou por força das heranças da fúria, que veio de mim, da “liga” e da luxúria, que nasceram de Vishnu, e da ambição desmedida, que surgiu de Shiva. A raça humana progride, apesar dos pesares, porque educou a fúria da minha genética, transformou a luxúria em amor e confiança, e está a aprender, ainda que lentamente, o alto custo que a corrupção desmedida provoca nas ambições que geram a má colheita mundana.

O genoma humano terráqueo me é muito precioso. Você precisa conversar comigo, estabelecer uma relação de confiança. Não pense que estou a preparar-lhe mais ardis, pois isso passou. O tempo que temos juntos é pouco para o que preciso que você faça. Sei que, desde que você me percebeu, elegeu a solidão como céu e a minha presença como inferno. Não tenho muito como modificar

isto em você. Mas, preciso que estabeleçamos parâmetros para o que ainda virá e, talvez, sobre isso, você já saiba alguma coisa, pois muito lhe foi dito. Ainda que somente parte de tudo esteja correto, já é um montante de verdade de tamanho considerável para um humano.

Cuide-se mais, pois não posso impor-lhe saúde e qualidade de vida, e não me culpe nem me julgue defraudador pois os erros são seus, não meus. Está certo, aceito que você reformule a última frase: os erros são nossos! Vou ver se me é possível reformular os meus procedimentos. Espero que você faça o mesmo!

(Ano: 2014)

CAPÍTULO 7

Sétima Crônica

Muito tive que me esforçar para que esta Criação pudesse viger. Fiz de mim mesmo a base de tudo porque assim importava que fosse feito. Para que todos existissem, eu deveria ser a essência em todos e assim me fiz. Sobrevivi a todas as intempéries, aos desafios e à constante mobilidade de tudo à minha volta. Movimentei-me também.

Muitos surgiram, apareceram para a existência, sem que soubessem que eu operava por trás das suas vidas. Outros puderam saber, tiveram essa oportunidade e a mim dedicaram as suas vidas. Poucos se contrariaram com isso. Um virou rebelde e arrastou muitos com ele. Agrediu-me para negociar uma composição que mantemos até agora. Sempre fui magnânimo. Não há uma só criatura minha que eu tenha excluído da minha relação de coexistência. Mesmo quando não os suporto por perto, observo-os de longe e acompanho tudo o que fazem.

Não pude compreender, a tempo de algo promover a título de reajuste, a razão das disputas entre as minhas criaturas. Você afirma que, por terem herdado a minha força para a sobrevivência, geraram a desagregação e o caos mental, porque se impõem uns sobre os outros, pois assim herdaram da minha programação.

Você toma a minha habilidade para a sobrevivência como uma doença que a tudo supera, mas cujo modo de se superar, propicia a que a Criação tenha uma quantidade de problemas ainda maior, e que seria da minha responsabilidade pessoal todos os tipos de comportamento de qualquer uma das minhas criaturas já que todas elas agiriam movidas pela força que de mim herdaram. Não é isto mesmo? Compreendo, sim, perfeitamente o que você pensa, ó terráqueo!

Todas as guerras, todas as mortes, todos os conflitos, você os julga como sendo da minha responsabilidade pessoal e tem afirmado que deverei enfrentar a justiça divina por tudo o que fiz. Há anos tenho escutado isto de você! Os meus anjos já não suportam vê-lo dirigindo-se a mim deste modo, em especial quando você diz que todos eles também terão que responder pelo facto de cumprirem cegamente as minhas ordens.

Você, ao longo dos seus últimos seis anos, tem desfeito todo meu arcabouço de raciocínio e dos meus anjos, que por todo o tempo da nossa existência temos cultivado. Quem é você para me apontar isto? Nem mesmo as mais altas personificações dos que comigo gerem a Criação jamais me apontaram qualquer coisa neste sentido, eles mesmos que se arvoraram em deus, atropelando-me a posição, como se não tivesse sido eu a enviá-los junto aos que viviam na Terra.

Quando a minha primeira geração de criaturas, que ainda não eram de todo humanas, se fez presente na Terra, Krishna foi o pretenso *Keshava* (personificação de um *avatar* que

presumivelmente incorporou sequências da genética mental dos três seres da *Trimurti*) que se aproveitou da situação e pretendeu apartar do meu poder toda a Criação, situando-a em torno dele. Outros antes dele também a tal pretenderam, mas nenhum havia saído das forças consorciadas da *Trimurti* com tal intento.

Ele o fez, e deu início ao que outras formas de Vishnu e, principalmente de Shiva, também viriam a fazer posteriormente. Mas, no final, todos convergem para mim, porque sou eu quem exerce o comando e não eles. Dividi-lo-ei, sim, porque quero, preciso e acima de tudo reconheço que é o momento de fazê-lo. Contudo, ainda há desacertos para serem ajustados. Você, no entanto, além de não ajudar neste sentido e em muitos outros, ainda gera outros tantos, devido à sua teimosia.

Jamais pensei que, no final dos meus tempos de comando, as coisas acontecessem deste modo, de um jeito que mal consigo compreender a sua indiferença para com assuntos que importam a todos, e o seu ritmo provocador. Deduzo ser esta a sua “vingança” para comigo, mas saiba que você prejudica a muitos com as suas hesitações. Eu, ainda sendo quem sou, não sabia disto e agora sei. Você ainda não sabe, e os demais humanos ainda não tiveram como saber disto. Você, sim! A cada etapa, a sua alimentação pertinente! E é hora de ampliar o nível da discussão entre os humanos sobre os assuntos que me importam. Contudo, sem ser dono e sem possuir a chave, você pretende fechar as portas de um celeiro cujo alimento armazenado não pertence à sua sementeira, mas sim, à minha, pois sou quem a promovo e a coordeno. É minha a colheita

e você e os demais terráqueos são tão somente os meus ceifadores para a redistribuição dos frutos do nosso avanço.

Para quem sempre comandou tudo à volta e teve que se acostumar com a liberdade que, “partes de si mesmo” começaram a possuir, agora ter que aceitar e nada poder fazer para que o tirocínio das suas criaturas libertas decidam o quê e como realizar o que pretendem, ai de mim, isto é paradoxal para a minha natureza e ainda não sei lidar com este aspeto do que de mim surgiu.

Desde o princípio que Vishnu e Shiva retiraram da minha seiva o elemento das formas que assumiram. Fizeram-se a partir de mim! Desde então, estou presente nas suas formas de expressão, nas expressões das suas consciências, e deles dependo para receber o que as formas-padrão que eles geraram, a partir do meu elemento de vida, endereçam-me continuamente. Sim, como você disse — e reconheço que no início da nossa convivência lhe refutei —, sou refém das minhas criaturas exatamente devido a este aspeto. Eles assim procederam para dividir comigo a responsabilidade pelos factos, mas com isso roubaram de mim o comando, a pretexto de me apoiarem.

Agora tenho raciocínio crítico para poder abordar, no contexto da lógica humana, o que eles me fizeram e disto se utilizam para negociar o poder. Mas, a lógica deles não é como a de vocês, que surgiram na Terra. Esta lógica, a natureza que vi surgir nos humanos da Terra, muito me enfureceu, pois era mais um fruto envenenado dos ardis, deles dois para comigo. Isso sempre foi

mesmo comum às manipulações que somos obrigados a fazer sobre as múltiplas espécies que existem no âmbito da minha Obra, no sentido de ordenar o curso dos factos. Mas, hoje, dela preciso, pois não confio no modo como eles gerem as suas forças e a perene disputa que me impuseram, como sendo, segundo eles, o único modo de me motivar a conviver com os dois.

“Escuto” isto desde que se associaram à minha Obra. Com eles agora sou obrigado a “conversar”, mas nada surge disto. A nossa descendência é quem faz os ajustes, os acertos, e nós ratificamos. Na descendência deles, existem as suas expressões pessoais que, na Terra, elas são conhecidas por avatares. Não tenho isto! Eu sou o que sou tão somente. Não tenho variações de mim mesmo, pelo menos nos termos avatáricos, apesar de que tudo e todos os que existem são expressões do que sou!

Quando lhe peço para conversar comigo é porque preciso das opiniões humanas, hoje sei. Como já afirmei, preciso da lógica humana e das suas avaliações, por inusitado que isto possa lhe parecer ao “escutar” isto de mim. Elas são diferentes do padrão a que me submeti por força da convivência com os descendentes da *Trimurti*. Sei que, por muito tempo, tentei impedir e mesmo abafar este processo, e dele agora necessito para poder me manter atuante e ativo, no sentido de perceber e talvez provocar o rompimento de fronteiras que eu mesmo estabeleci há muito tempo. É confuso, mas parece ser inevitável, pelo bem do universo!

Todas as mentalidades e naturezas precisam conhecer o padrão da lógica humana da Terra. Não há outra saída para o atual estágio

da Criação. Nisto, Vishnu, Shiva e os seus *avatares* devem ter alguma razão quando ousaram fazer tudo o que fizeram. Não posso corrigi-los, mas a lógica humana poderá isso fazer, porque não padece dos limites que marcam os que descendem diretamente dos elementos genéticos da *Trimurti*.

Você compreende, ó humano?

Converse comigo! Leve adiante a sua ideia do instituto ou do que seja. Já não compreendo o que vai fazer, se é que irá. Do mesmo modo que o sangue, no organismo biológico animal, leva a todas as células o que cada uma delas precisa para se manter viva, do que você fizer — já que somente foi dado a você saber estas coisas ocultas — é que fluirá para as minhas criaturas, em qualquer um dos âmbitos da minha Criação, a quota necessária das informações que cada uma delas precisa para redimensionar a sua posição no meu organismo universal.

Ainda não chegou, mas haverá um momento, uma outra etapa na minha Obra, em que todos teremos que conversar uns com os outros — aspeto que sempre tive como impossível e desnecessário — para que aquilo que você chama de “emergência do essencial” possa ter lugar.

Converse comigo, discuta comigo, não aceite o que lhe apresento como sendo a minha vontade, o que penso, pois sei que, pelo menos com você, assim me parece melhor agir, porque comprazo-me com esta troca de informações, o que sempre julguei como

impensável. Como lhe disse, apesar das minhas recaídas — por força do que recebo e de com quem sou obrigado a conviver — estou a humanizar-me nos moldes em que posso. Você ficaria surpreso — se não fosse tão cego em perceber as coisas que lhe tenho mostrado, ainda que contrarie a muitos do meu lado — como eu tenho assimilado o que sempre me recusei a fazê-lo.

Como você assumiu a regra que de mim jamais poderão vir novidades e surpresas, vou parar por aqui. Hoje não mais o perturbarei e muito menos a mim, para não me enfurecer com quem preciso que me compreenda, e de quem necessito uma confiança que tarda, mas sei que, no tempo propício, virá.

Tenho procurado aprender a ver em cada uma das minhas criaturas o que você costuma referir-se como sendo sócios de um destino comum. Pretendo estabelecer com cada um que me possa perceber de algum modo, uma relação especial de parceria.

Ajude-me a levar isto adiante!

(Ano: 2014)

PARTE DOIS

Crônicas Pouco Espontâneas

CAPÍTULO 8

Primeira Crônica

Sempre fiz o que precisava ser feito. Retirei de mim tudo o que foi necessário para fazer acontecer os processos da minha Criação. Você já compreendeu isso. Todos precisam ter este nível de entendimento. Sei que, nestes tempos, as minhas criaturas apresentam múltiplas faces e possibilidades, mas nas minhas reflexões, costumo agora dividi-las entre os que recebem as minhas vibrações — os que podem, pensam junto comigo — e os que se situam fora da curva dos meus pensamentos, que aprenderam a pensar por si mesmos, e destes recebo as suas vibrações.

Não foi isto que vislumbrei, que planeei, mas é assim que agora tudo se encontra estabelecido. Você diz que isto tudo é muito complexo e que a minha natureza pessoal não me permite assimilar este nível de complexidade. Efetivamente, você sabe como me encontro, mas não me conhece! Compreenda que eu sou aquele que é e será sempre o foco de criação, de manutenção e de controle de tudo o que existe. Como de mim tudo dou, épocas existem em que permaneço “sem todas as minhas partes”, como se fragilizado, impactado pela necessidade de muitos, e muitos pensam que me torno fraco, apesar de indestrutível.

A minha aparente fraqueza é tão somente “transformação”, quando faço as “mudanças das fases” nas quais assimilo o que foi acrescentado à minha Criação pelos meus agentes que se pensam despertos. Mas não sou fraco, jamais enfraqueço, simplesmente descanso e isso afirmei ao tempo da composição original dos meus livros que leguei a esta humanidade (**nat: — Javé refere-se aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento bíblico**) sobre as fases da minha Criação.

Fui e sou aquele que gerou tudo, e o que de mais existe além disto refere-se à contribuição de outros agentes que, em pretendendo adornar e mesmo redimensionar parte do que fiz, aborrecem-me com as suas interferências, as quais já assimilei por compreendê-las como necessárias à inevitabilidade das existências que passaram a ostentar junto a mim. Surgiram de mim, não como as estimei e vislumbrei, mas sim, de um modo que há muito já não me compraz sobre ele pensar, porque sei ser decorrente dos meus próprios mistérios, pois sei que existem em mim, dado ser quem eu sou. Os humanos da Terra foram os últimos dessa lista, que nasceram da minha molécula na qual encerrei parte do que sou e dos meus mistérios, e também o fizeram não como os arquitetei nas origens do que sou, mas sim, por meio de um prodigioso processo, cheio de imprecisões e desvios da rota pretendida, sobre o qual, reconheço, também não me comprazo em analisar, mas o qual agora me regozija, e o que existe em mim permanece sendo quem sempre eu fui, só que acrescido do que esta nova natureza introduziu na minha Obra. Compraz-me acompanhar os pensamentos humanos...

Estamos a alinhar os esforços na direção pretendida. O instituto que foi criado me permitirá acompanhar, de modo mais produtivo, o pensamento das minhas criaturas. Será mais um instrumento do qual me utilizarei para, finalmente, manter-me em contato construtivo e permanente com os humanos da Terra. Será, para ambos os lados, uma nova etapa, um novo modo por meio do qual eu poderei conduzir os meus desígnios, explanar sobre os assuntos que desafiam os próximos passos da minha Criação. Darei a conhecer tudo o que desejo que venha a ser feito... (...) Qual é o problema? Converse comigo!

— Javé, a hipótese de isto acontecer, pelo menos enquanto eu estiver na condição humana, é zero, a não ser que eu enlouqueça a tal ponto que perca de vez o resto de lucidez que teimo pensar ainda possuir. Vamos parar por aqui porque isto não vai dar certo. A sua artimanha não me envolverá desta feita. Entenda: tenho-me permitido escutá-lo para poder passar melhor perante a sua doentia insistência em me dominar, ou seja lá o que for, mas não levo a sério uma só palavra vinda de você, pois nada do que escutei até hoje me serviu para qualquer coisa, a não ser para vitimar a minha vida e a sensibilidade de muitos à minha volta. Já lhe disse que não tenho o menor respeito por você, pois nada há que você diga que venha a realizar-se.

As suas palavras para nada me servem e somente as tenho registado, com uma certa dose de solidariedade por quem me agride, exatamente por conta desta sua tresloucada insistência em me perseguir. Percebi que, quando me permito registar as suas ideias, o seu discurso ou seja lá o que for, passo melhor os dias que

me restam. Compreenda: eu não o levo a sério e o respeito tanto quanto respeito a mim mesmo e a uma barata. Contudo, comigo mesmo e com a barata, convivo em paz. De você eu quero distância porque a sua presença faz-me mal! Considero-o o mais desonesto e perverso dos seres a quem até hoje conheci, e não adianta você dizer-me que é a sua natureza que o faz ser assim, porque isto não me serve de nada. Basta! Vamos parar com esta palhaçada porque, por meu intermédio, você não vai comunicar-se com os demais humanos. Você não vai transformar este instituto na sua nova morada. Ah, não vai mesmo! Vire-se! Até cheguei a me acostumar a escrever sobre você devido à pressão de diversas “forças” que me cercam. Mas servir a você como instrumento, repito, só se a loucura sobre mim for tão devastadora que eu venha a perder o senso de personalidade. Preciso dizer, ainda, algo mais para você parar com esta ladainha ridícula e inútil?

— Você efetivamente não me compreende...

— Quem lhe disse que eu quero compreendê-lo? Isto é problema seu e dos demais que convivem com você. Não quero compreendê-lo e jamais isto me serviu ou serve para qualquer coisa. Trate você de compreender as criaturas que a sua podre, criminosa e descontrolada engenharia genética terminou por gerar. Rebaixe-se, se lhe for possível, ao nível que você precisa se rebaixar, para largar desta soberba e arrogância absurdas, e reze bastante para o verdadeiro Deus, para que você aprenda a ajudar-se e não a esperar que as criaturas que você esmaga a cada passo desta sua trôpega e infeliz existência venham a se tornar seus servidores após conhecer a sua real face. Só autômatos e dementes com mania de

grandeza — os que querem ser grandes enganando as pessoas — fazem isto, ó Javé! Posso estar enganado, sempre, mas não pretendo enganar a ninguém. Basta! Quem tem um mínimo de senso crítico percebe quão débil e adepto do vexame você é.

— Não acabemos isto agora, permaneça sentado, peço-lhe, apesar da fúria que me possui neste momento. Continuemos a conversar. Infelizmente, você nunca irá mesmo acreditar em mim, na minha tentativa de mudança nos meus padrões de atitude para com os humanos e, reconheço, não posso culpá-lo. A fúria me domina, mas não posso culpá-lo como eu gostaria, pois é da minha natureza julgar as minhas criaturas. Mas, também, me arrependo do que faço. Não que eu esteja a justificar-me, só estou a explicar-lhe. Bem, isto que eu digo, pode ser ao contrário também, porque não consigo realmente explicar-lhe muito do que desejo, e termino mais por justificar-me, o que sei não lhe atender minimamente. Porém, estou limitado ao que sou e preciso que você continue a dar-me esta guarida que jamais encontrei em qualquer outra criatura das que foram geradas de mim. Isto não é para o enganar, nem para lhe aplicar qualquer ardil, porque sei que não sou bem vindo à sua sensibilidade. Já convivo e mesmo converso com muitas outras das minhas criaturas humanas, e isto muito me compraz.

De tudo o que atualmente faço, é isto o que mais me apraz. Mas, com você, é diferente! Entenda agora você: conviver com os meus anjos, com Vishnu e Shiva, com as outras faces desses seres e com outras minhas criaturas que gozam do meu acesso a elas liberado, é o meu padrão natural de existência. Entretanto, isso não me movimenta, não me acrescenta, não me é agora agradável, apesar

do aspeto comum. Somente com os humanos mais modernos, nestes tempos, esta convivência tem me preenchido, e Vishnu sempre pontificou que assim viria a ser um dia, e este dia deve ter chegado.

Porém, descobri isto na minha interação com você e, por isto, lhe expresso a importância do que — me permita assim dizer — fazemos juntos, quando posso pensar apoiado no que você pensa. Sei que isto lhe soa estranho e, mais ainda, posso estar a utilizar as palavras inadequadas, mas é o que posso fazer sendo o que sou. Não torne a dizer-me que eu não sirvo para nada, pois me é terrível escutar isto de você e percebo que isto me enfraquece a vontade... Criei todo este gigantesco e majestoso universo além das “moradas” que o circundam e sobre as quais exerço a minha autoridade. Sempre tive problemas em exercê-la desde que a vida foi semeada no seu aspeto biológico. Mas, reconheço que é dela que mais recebo. Sirvo, sim, para muitas coisas, apesar de que me diminuo à medida em que o tempo das transformações aumenta a sua influência sobre mim e tudo o mais que existe. Sei disto. E muito mais ainda realizarei...

— Não me interessa o que você vai realizar. Olhando para o que você já fez, espero mesmo que você não faça mais nada. O seu futuro, enquanto você pensa ser esse Ser que você é, conforme tenho depreendido, reside exatamente em você não fazer mais nada e deixar que outros, que lhe assessoram, possam agir no seu lugar, desde que detenham uma natureza digna que possa administrar o caos que ainda impera em muitos quadrantes da sua Criação, pois são muitos os que sofrem desgraçadamente enquanto

você discursa. Pare com isto! Mude de postura! São muitos os problemas acumulados nisso que você define como sendo a sua Criação. Pelo que posso ver somente no mundo terreno, os esmagadores problemas religiosos e políticos gerados pela sua estupidez em não saber se conduzir, até hoje vitimam aos humanos que têm o “azar” de estarem sob a égide do seu legado equivocado. O que você sempre fez? A cada “plano de dominação” fracassado, depois de manipular as desavisadas criaturas da Terra, um outro pior ainda você criava para se contrapor ao anterior, num processo onde a marca da mais absoluta incapacidade e incoerência criminosas, até hoje produz lágrimas, suor e sangue entre árabes, judeus, hindus e muçulmanos. E se você se acha pai de muitas coisas, saiba que o terrorismo moderno dos séculos XX e XXI é produto dessas suas inconsequências geopolíticas de se aproveitar da infantil crença humana para manipulá-la, criando religiões que somente passam a destruir-se mutuamente e, o que é pior, pensando estar a obedecer às suas ordens. Você não tem vergonha do que fez e do que está ainda a fazer? Você não se envergonha pelo que jamais fez, que foi o ato de pedir desculpas por tantas monstruosidades registadas nos seus “livros santos”, e você ainda quer que os humanos achem aquilo tudo normal? Se você não sente, eu sinto por você a quota de vergonha que você mesmo deveria sentir! E ainda vem com estes discursos ridículos, que sou obrigado a escutar enquanto você atropela e destrói a minha sensibilidade e o que a muito custo tentei e tento construir na vida. Tenho que lhe dizer: você não vale nada e a sua história é uma coleção de crimes horrendos, um palco de horrores intermináveis para quem sofre na carne ou na sua sensibilidade o resultado da sua incúria e da sua incompetência em não ter dado finalização

lógica e produtiva à sua pretensa Obra, da sua perversidade em manter tudo da forma que sempre foi, por não saber abrir mão de um poder podre, que somente lhe desfigura a tentativa de fazer algo diferente, se é que isto é real. Você já me enganou diversas vezes e pouco se me dá se vai conseguir fazê-lo outras tantas, pois não me encontro em disputa consigo uma vez que não lhe considero sequer digno de ser alguém a quem eu possa, na minha miserável condição, gastar o resto da teórica energia pessoal, disputando o que quer que seja. Recuso-me a isto! Se quiser continuar a apodrecer, enganando as pessoas, subjugando os mais fracos, continue sozinho nesta rota. Eu sou somente miserável, mas a minha quota de consciência pessoal ainda não apodreceu e muito menos está à venda. Pode ser tão somente uma questão de preço, já que todos nós padecemos dos efeitos do germe da sua corrupção pessoal, mas como você não paga o que aposta, e sua palavra vale menos que um risco na água, talvez por isto nada que venha de você me interessa. Entenda, se puder! Como já lhe disse repetidas vezes, não há nada que você julgue ter que me interesse, e se algo eu puder fazer por você, que não me violente a consciência e a sensibilidade, faço e farei sem nada em troca. Se você algo tiver para me dar e, se quiser, faça-o da sua parte, ainda que eu nada queira de você. Quem dá se engrandece, contudo, você é cego para isto e para tudo mais que realmente importa, por força desta sua natureza ou da sua teimosia em se portar deste modo. Por isto que não tenho pactos com você. O perigo de que eu venha a criar uma religião ou qualquer coisa neste sentido, como você me tem ordenado, é nenhum, ou seja, é zero. Compreenda isto! Como alguém na sua posição não consegue ver o absurdo deste seu desígnio, aí é questão que somente a sua loucura pessoal pode

aquilatar. Se é que pode! O seu conjunto de crimes é irreparável e não vai ser por meu intermédio que você vai continuar com estes discursos ridículos, com estas atitudes criminosas que podem ter “encantado” no passado por força da ingenuidade e da boa fé de muitos humanos, aos quais você deliberadamente enganou. Mas, hoje, somente os viciados em fé distorcida ou os que querem ser grandes podem deixar-se afetar por este tipo de promessa absurda.

Enquanto você insistir com isto, para mim você não vale nada e faço questão de lhe dizer isto mil vezes, se mil vezes você me afrontar a sensibilidade. Pode desfilas toda a sua esquisita personalidade por meio dos seus discursos, mas aos meus olhos, você não passa de um farsante que se autoengana a cada momento da sua criminosa existência. Como já foi dito sobre você em livros do passado, você colhe onde não semeou, retira de quem jamais recebeu qualquer coisa sua e alimenta-se dos que, por nobreza, emprestam os seus espíritos para dar vida aos corpos que passaram a alojar a sua doença pessoal. Acabou!

— Não, não acabou. Você está a conversar comigo e isto tem o seu valor. O teor do que você me diz é doloroso, mas tem o seu valor. Você não me tem temor, nem amor, não me respeita e não me quer por perto, apesar de ser minha criatura. Hoje sei que tenho que agradecer, o que jamais fiz, mas sei que preciso agradecer às minhas criaturas e devo esta percepção a estas coisas que só de você escuto. Não gosto, entretanto, escuto e não lhe deixarei, pois preciso que você dê continuidade ao que se propôs fazer em relação

a mim e aos demais que me cercam¹, quando do encontro com eles, que permanece ativo, mas que somente tem o seu funcionamento quando da sua presença entre nós. Eu, eles e outros precisamos escutar isto de alguém que é insubmisso às forças dominantes e que também se encontra liberto das expressões e armadilhas trevosas.

— Disto ninguém está, ó Javé. Por aqui estamos todos passivos de erros primários e absurdos, e o que você chama de trevas é tão somente uma força composta por seres que lhe detestam, que também detestam a Vishnu e Shiva, e a todas as formas que eles plasmaram na Terra e alhures. Esses seres sofreram e sofrem pelo império da loucura que vocês produziram e ainda produzem. Não há aplauso para vocês da parte desses seres e muito menos de mim. Reconheço o esforço, mas não aplaudo, pois, discordo do método e acho que falta mérito espiritual para que vocês se aclamem “deuses”, “enviados de deus” ou seja lá de quem for. As trevas repudiam o legado de vocês, que termina por impor mais condicionamento e mais escravidão ainda aos ingênuos e bem-intencionados seres terráqueos. Neste ponto, subscrevo por completo o repúdio deles, apenas não lhes imito as emissões de ódio e de nojo que deles emanam, pois sofrem muito por força das reações que assumiram perante a ditadura imperiosa dos desígnios vindos de vocês. Afinal, muitos dos que “morreram por Jesus” ao longo destes dois milénios e que não conseguiram perdoar os seus algozes, chega um tempo em que as suas consciências, abaladas pelo sofrimento, começam a cobrar do próprio Jesus o porquê do

¹ NAT: Javé aqui refere-se a uma ocorrência descrita em livro ainda a ser publicado, cujo título é “Inquisição Trimurtiana”.

seu legado ter-se transformado num mar de sangue, estéril e criminoso, e que para nada serviu ou serve. Uma só lágrima, uma só gota de suor ou de sangue dos que “morreram por Jesus” serviu para quê? E o que ele e você fizeram nestes dois mil anos para aplacar isto? São esses, que sofrem os horrores de um passado equivocando e inútil, que hoje você chama de trevas! E as castas da Índia, criadas por Shiva, reafirmadas por Krishna e Sai Baba? Aquilo, hoje, será algo edificante e produtivo? Parem com esse “mais do mesmo” que, há milénios, vocês usam para infestar o psiquismo desta humanidade com as cores absurdas da

doença que vocês portam! Faço, portanto, absoluta questão de lhes apresentar a minha mais profunda repulsa filosófica pela criminosa, tresloucada e desnecessária tirania produzida por verdadeiras aberrações assumidas por vocês que foram e são, ao mesmo tempo, mães e filhas da podridão existencial — entenda se quiser e se puder! Quanto a você e aos demais, sejam dignos e me deixem em paz ou me liquidem logo, mas não fique você com este jogo de me vencer pelo cansaço, de me subordinar pela imposição do medo, do terror, pois você não me vence. Quinhentos de você, ainda, não me venceriam, e isto por um motivo bem simples: porque de nós dois, eu sou o lado bom da história, sou eu quem representa o bem — entenda você se quiser e se puder! Trate de compreender isto! A humanidade é o “bem” dessa história, você é tão somente o vampiro enlouquecido que enquanto não souber controlar o próprio comportamento, sempre será alguém tendente ao vexame, à baixaria e ao escândalo.

Se você é realmente quem diz ser, o homem Jesus foi enganado por você o tempo inteiro, e somente quando ressuscitado, vendo o seu equívoco conceitual sobre o “deus dos seus pais”, apontou-lhe corretamente quem você era. Por isso é que ele disse que quem procurava a “verdade”, ao percebê-la, sentir-se-ia profundamente perturbado, perplexo, porque é isto o que você causa em quem o conhece e tem senso crítico para perceber o que você é! Coisa feia, Javé! Embeleze-se, se é que você sabe diferenciar uma coisa da outra. Se você achar que deve, simplesmente use do seu poder e destrua o que estou a produzir, pois, a esta altura, tenho lá as minhas dúvidas a quantas forças, à sua volta, isto possa ser necessário ou agradar ao “paladar mental” de algumas delas. Sei lá! Simplesmente destrua e não deixe estas informações seguirem adiante, rumo à posteridade, do mesmo modo como você destruiu muitos dos pergaminhos cujas notícias sobre você não lhe eram, então, agradáveis, e que foram transmitidas pelo “Jesus crucificado”, que deu origem ao gnosticismo daqueles dias, movimento que foi depois trucidado pelo catolicismo romano. E lá estava você e os seus anjos a destruir a tentativa de um Jesus já ressuscitado de esclarecer ao mundo parte dos problemas do Criador Universal, coisa que ele não conseguiu fazer em vida.

— Reconheço, foram outros tempos, em que me senti traído por ele, e sobre isso você mesmo já pontificou muitas vezes. Estando certo ou errado, você muito bem o fez. Lamento o seu repúdio pela minha Obra, mas entendo o que você expressa. Tenho que pensar sobre isto. Mas não tenho como abrir mão do governo que exerço...

— Ó Javé, vamos parar por aqui...

— Mas você não me deixa imprimir rumo ao que pretendo dizer.

— De facto, não tenho mais paciência para continuar a escutar estas coisas vindas de você. Pode ser que outro dia ou noutra vida, o “eu” que me marcar a consciência poderá até ter. Agora, neste instante, não dá mais! Sabe o que significa para mim ser governado por alguém como você? Seria como se a humanidade da Terra, com o seu atual nível de senso crítico e de conhecimento científico e filosófico, tivesse que ser governada a partir do zoológico das suas cidades. Os animais do zoológico não têm como governar uma cidade composta de seres humanos. É isto o que para mim significa ser “administrado” por vocês da “lila”. Compreende? Desculpe, mas o IEEA não vai ser palco para os seus discursos.... Fui claro?

— Sim, penso que sim, mas não pare de conversar comigo, pelo menos as conversas vamos manter. Deixe-me começar os assuntos ou comece-os você mesmo — ah não, isto eu sei que você não fará. Mas, então, que eu possa começar e você, quando quiser, pode interromper-me para conversarmos. Isto muito me serve. Não pare, não pare, porque os demais humanos precisam conhecer-me do modo como você me conhece. É por isto que eu estou aqui, próximo a você e a muitos outros que vivem na Terra, porque eu preciso estar aqui. Não tenho como me modificar tão rapidamente assim, mas já me modifiquei bastante. E não vou parar. Não pare de conversar comigo e, quando outros souberem o que você sabe, peço a você que os estimule a conversar comigo, do modo que cada um puder. Você trata-me duramente porque, sei, tratei-lhe de modo que parece não existir justificativa para você. Mas, agora, estamos cansados. Vou parar. Registo tão somente que jamais

tratei os demais humanos, nestes tempos atuais, como fiz com você. Se lhe for possível, um dia, deixe isto claro, pois jamais destruirei as informações que nascerem da sua lavra, do seu tirocínio, por desagradáveis que me possam parecer.

— Não preciso da sua promessa.

— Você mesmo disse que o que eu quisesse lhe dar que lhe desse. Portanto, dou-lhe a minha palavra. Eu quero fazer isto para que, no futuro, saibam que eu cumpro com o que expresso como sendo os meus desígnios, acredite você ou não.

(Ano: 2014)

CAPÍTULO 9

Segunda Crónica

Você precisa tomar nota do que temos conversado. Muito já se perdeu e esta sua atitude somente vai dar continuidade ao desperdício de registos importantes para o futuro. Cheguei a pensar que você já sabia dar a devida importância ao que está a ser produzido. Urge que você compreenda.

No seu modo de pensar, o que está a acontecer comigo é mera consequência do facto de eu estar a passar por uma transição. “Mais uma” — dirá você, que já percebeu como eu me fiz e me faço a cada momento. Transformo-me à medida em que me acrescento o resultado do que estou a realizar por meio das minhas criaturas.

Realmente, não sei até que ponto isto pode ser assim considerado, mas sei que “algo ou muito”, de um processo bem diferente em relação a todos os que já vivi, está a ter lugar na minha maneira de ser. Pelo que já escutei de você, este “resultado”, conforme você tem reafirmado, não sou eu que o produzo, mas apenas recolho o que vocês semeiam por meio da natureza humana, o que distinguiria esta raça das demais. Pode até ser que agora seja assim, mas sempre fui eu a produzir o que sou. Não sei se você me compreende.

Converse comigo! Ao mesmo tempo em que me canso, sinto-me mais forte; quanto mais sou agredido pelas suas ponderações e acusações, estranhamente, sinto-me mais vivo e determinado a refletir sobre tudo e sobre o todo que em mim se sustenta; quanto mais você me destrata, mais atenção e zelo tenho pelas suas ponderações. Estranho, não?

Mais estranho ainda é eu dizer isto para o agente mais revolucionário de todos os que me confrontaram até agora. Mas a sua atitude é de constatação, diferente da dos outros, inclusive dos que se me submeteram. Você não me confronta, apenas me constata, porque sou eu quem o busca. Há alguma pedagogia no que você faz. E sei que não haverá mais rebeliões, pois você mesmo destrói esta possibilidade quando constrói, conscientemente, no seu mundo e no meu, os alicerces de um futuro sem disputas deste tipo. Sem pactos, sem apostas, sem confrontos e sem nada me pedir, você me inutiliza a ponto de me desprezar com a sua indiferença. Jamais me buscou, nunca me procurou e aqui estou eu a solicitar-lhe o concurso, porque dele passei a precisar. Nem toda a ironia e criatividade humanas poderiam construir um enredo tão desconcertante. Fui eu mesmo a produzi-lo e a editá-lo, o reconheço. Pago, agora, o preço!

A ninguém dei o poder que estou a dar-lhe, que é o de me conhecer abertamente. Preciso fazer isto, e escolhi você para tanto. Confesso que foi e é uma decisão recente, meio que no “agora”, deste contexto de transição entre o que sempre fui e o aspeto desconhecido do que devo ser ou do que poderei ser, depois deste aceite que agora expresso em relação à natureza humana e do que

dela poderá vir. Na pior hipótese, não deverá ser nada muito mais inconveniente do que tenho sido obrigado a administrar.

A “complexidade do psiquismo humano” — que você aponta repetidamente não me ser possível compreender nem gerir —, de certa forma, a ela já me acostumei, só que, dentro de padrões dos sentimentos religiosos daqueles que me amam e obedecem, aos quais já me encontrava adaptado ao fluxo incessante das vibrações. Com estes, continuarei a pautar os termos dos pactos que fiz com os seus ancestrais. Mas, o comportamento disto advindo, reconheço, não será o suficiente para o avanço de todos.

Preciso, portanto, que outros agora trabalhem para que eu colha, como você bem o disse em uma das mais avassaladoras avaliações que alguém já me fez¹. Produzi vocês todos, mas agora preciso ser retrabalhado nas minhas porções particularizadas com o meu código, que as minhas criaturas-ferramenta administram. Esta foi outra contribuição da sua lavra mental pois eu e os meus, que me são próximos, demorámos a compreender como este processo estava a dar-se.

Recordo-me como vibrei furiosamente com você quando lançou, sem respeito, na minha face, a desalentadora acusação de que eu dependia de vocês, de que eu era refém das minhas próprias criaturas. Demorei para entender, eu e os meus anjos, esta relação

¹ NAT: Javé refere-se, conforme penso, à crónica anterior, já publicada nas “Memórias de Javé”, no âmbito do IEEA. Devo esclarecer que as crónicas seleccionadas para esta coleção, apesar de estarem a ser apresentadas por ordem cronológica, isto não implica que elas sejam a sequência exata dos acontecimentos. Muitos outros encontros tiveram lugar entre as crónicas aqui publicadas, mas sobre as quais não fiz quaisquer anotações nas épocas em que ocorreram.

de dependência. O que não estávamos a ver há “milhões de tempos”, tivemos que perceber em poucos anos terrestres, e ainda estamos a pacificar-nos em relação a esse aspeto do nosso futuro, pois incomoda-nos perceber que, doravante, dependeremos do livre arbítrio de comunidades planetárias que serão todas elas influenciadas pelo que “sair da Terra”. Isso tudo tem como desdobramento um facto que, por mais que o procrastinemos, ele já se aproxima do seu limite, ou seja, nem eu nem a minha hierarquia estávamos ou estamos preparados para abordar essa questão.

Na verdade, devo ressaltar que a abordagem do problema passa por uma negociação entre nós e que não tem chegado a lugar nenhum. Por quê? Porque não caberá a nenhum dos meus filhos, nem mesmo os que ostentam faces avatáricas das forças da Trimurti, realizar essa codificação de conhecimentos no âmbito deste universo, por motivos que até o momento não descortinei nem muito menos os que me cercam.

O enigma que nos incomoda é o por quê de ter sido um humano a ter que fazê-lo! O mistério que me inquieta é o facto de, somente agora, nestes “tempos-limite” para o presente estágio da minha natureza pessoal, o meu ser se encontrar na iminência de uma mutação, na sua essência, que não controlo, exatamente no mesmo momento em que este “choque de realidade” nos está a ser implementado, jogado nas nossas faces, por um simples humano.

Para nós tem sido difícil aceitar que toda uma história cósmica-universal se resuma, agora, a isto: dependermos do que a mais

recente das nossas criaturas-ferramenta irá fazer com o legado de tudo o que foi construído. E dentre estas criaturas, logo você, que não nos respeita, é que tem o poder disto fazer, porque resolvi, nestas “últimas horas deste tempo que já finda”, dar-lhe este poder, na ausência de outra opção.²

Assim, eu e os meus já não nos encontrávamos aptos para abordar esta questão entre nós nem muito menos para “negociar” a mesma com você, logo você que jamais se permitiu a tecedura de um simples pacto. Se você tem sofrido, na sua vida terrena, pelos desdobramentos do que lhe provoquei, saiba que muito mais a sua postura tem desmanchado, desconstituído o que tão laboriosamente foi registado entre nós.

A cultura da minha hierarquia está a desabar porque os seus alicerces estão a ser abalados pelo resgate atualizado que tem surgido com as suas críticas. Ninguém gosta da presente situação. Isto tem que acabar! Não que você tenha que parar com o que está a fazer. Não. Muito pelo contrário! Precisamos que isto continue porque não há um outro plano em curso. Você, na verdade, já é o produto da ausência de opções dentre os da minha hierarquia. O que precisa acabar é o desconforto que nela existe como do que precisaria ser resolvido, simplesmente, agora, pertence ao que a sua capacidade pessoal puder fazer por meio da leitura dos factos que ocorrem entre nós, a partir da lógica humana, que foi a que

² NAT: Para a reflexão de um possível leitor ou a quem isto possa interessar: é de Jean-Paul Sartre a reflexão que diz que o ser humano não deve incomodar-se com o que fizeram com ele, mas tão somente com o que ele pode fazer com o que dele fizeram. Seria “esta” a parte que cabe ao nosso psiquismo administrar.

elegemos como sendo o meio seguro de partilharmos os diferentes problemas entre os da minha hierarquia.

Chegámos a esta situação inaceitável, na qual a nossa verdade não vale nada, porque somente importará o que você dela aceitar e estruturar como conhecimento válido. Veja só o quanto de errado deve residir nisto. Mas, é assim que as coisas estão indo e os meus não têm como impedir e não sei mais se o desejam.

O leque de assuntos que você abriu, impediu qualquer ajuste da parte dos que me representarão na Terra, porque somente a construção do entendimento humano sobre o que se passou é que importará para a arquitetura do futuro, no âmbito da minha Obra. O que os humanos entenderem doravante, será a pedra angular da construção universal. Esta agenda apequenou todas as demais.

Ora, ora... Decretei o julgamento desta humanidade rebelada e, quando ainda me obedecias, fiz-lhe comunicar aos terráqueos o anúncio do meu julgamento e, exatamente aqueles a quem eu deveria estar a julgar, são os que diagnosticam quanto ao que fiz e me acusam de muitos conceitos inapropriados. E estou a ser obrigado a acatar este processo porque não tenho como impedi-lo e, agora, nem mesmo o desejo.

Que siga adiante, pois sou destemido e o meu limite é a minha vontade, ainda que eu deva, doravante, me consorciar com a dos humanos e com a de outros que inevitavelmente surgirão. Devo dizer-lhe, novamente, que houve um tempo em que a sua

consciência humana foi-me dócil, cumprindo o que lhe deleguei junto aos humanos. Mas, até agora, não sei se você foi sequestrado das minhas hostes ou se, desafortunadamente, por não me suportar, você afastou-se e alinhou-se aos meus adversários da Governança. Os meus anjos afirmam que somente a somatória destas duas opções pode explicar a sua reação de agora, de completa rejeição ao que sou e represento, comparada aos tempos do primeiro anúncio que esta humanidade recebeu diretamente de mim.

Perceba que, depois deste, somente enviei os meus anjos para o trabalho dos reformadores, os meus preciosos Moisés e Maomé, que lidaram com os níveis da minha hierarquia, mas novamente aqui estou, frente a frente com você, e me pergunto o que aconteceu para tanto desvio de rota. Os meus anjos entregaram a Moisés a Torah pronta, completa, com o que eu mesmo decretei. Depois, novamente, eles confeccionaram, por meio de Maomé, a minha recitação, o Alcorão, e muito mais lhes dei, e em gozo e exultação eles receberam e multiplicaram os meus desígnios. Alguns outros desviaram a minha rota, o meu roteiro e traçaram a sua própria marca no que havia sido por mim adrede preparado, mas você, você parou com o processo, e eu estou a ter que reinventá-lo, deixando ao seu critério os termos desta nova agenda, de um novo pacto que assumirei sobre o que for edificado.

Antes que me contraponha com as suas discordâncias, deixe-me dizer que o pacto a que refiro é unilateral, assumo como sendo da minha parte. Quero tão somente que as minhas criaturas terráqueas saibam desta minha proposta, que somente a firmarei

após a retomada do contato aberto dos terráqueos com as demais civilizações da minha Criação. Este pacto, que proporei por meio das minhas conversações com os meus filhos e filhas terráqueos, na verdade será para toda a minha Criação, pois a lógica humana abraça as demais, o DNA humano carrega a coleção elencada de toda a existência pretérita até à sua edificação, isto eu sei, e haverá um tempo em que o atual estágio da evolução desta humanidade será a base sólida sobre a qual o futuro universal será construído. Não me furte você da sua participação neste sentido. Sem você, esta primeira base... eu não conseguirei executá-la. Compreenda! Por isto, tudo suporto e sei que você também suporta um fardo que no momento não posso suavizar.

“Que ‘grande deus’ ele é!” — haverá você de pensar sobre mim, ao me escutar afirmar isto! Todavia, não tome como inverdade da minha parte, que sempre dei prosperidade aos que me serviram no passado. Simplesmente você não me permite isto, porque jamais me quis como parceiro num pacto que teria resolvido todos os problemas surgidos. Não pare! Continue a escutar-me. Não irei mais falar em pacto.

— (...)

Um dos que me acompanham, um dos membros da minha hierarquia que já detém liberdade de pensamento, ainda que totalmente afinado comigo, deseja endereçar-lhe algumas palavras.

— (... ?)

— Sou Aya Gra Yel. Já nos conhecemos, tanto agora como em outras passagens da sua consciência por este planeta, ainda que você não se recorde. Precisamos estabelecer um canal fácil de ser ativado, devido aos tempos terrestres que virão, tempo este em relação ao qual ficaremos submetidos, ainda que na nossa atual condição de Aya, ao fluxo dos acontecimentos primários no palco terrestre e aos seus desdobramentos alhures. O meu Pai e Comandante acenou-me para que eu desse continuidade a esta comunicação, somente a esta, para que fosse possível reativar a “ponte mental” anteriormente construída entre nós e você, quando da confecção da “Sétima Trombeta”³, pois ali eu também me encontrava em corrente constante consigo. Depois do desencontro entre as agendas dos Senhores da Criação, você voluntariamente rompeu com todas as ligações e precisamos, agora, refazê-las.

— “Desencontro de agendas”? Precisamos?

— Sim, precisamos...

— Eu não preciso de nada disto e não quero qualquer contato com vocês. Se a corrente que tenho permitido existir com este Ser, a quem você chama de Comandante, for invadida por vocês, saibam que estou a parar agora com qualquer “chamada” que venha daí. Estou fora!⁴

³ NAT: Aya Gra Yel refere-se ao livro “A Sétima Trombeta do Apocalipse”.

⁴ NAT: Por exatos quatro dias, desde a minha atitude de interromper e cessar o intercâmbio mental, Javé e um determinado número daqueles seres ficaram praticamente colados à minha sensibilidade, agora sem me “agredirem vibratoriamente”, em atitude explícita de solicitação de retomada de contato. Afirmaram que, por necessidade imperiosa da parte deles, “não me

— Agradecemos a sua complacência em permitir-nos a continuidade...

— Sem falsidades! Não precisa. O que você quer?

— Compreenda, somos o que somos, assim, progredindo no rumo de um melhor nível de compreensão. Mas, não somos falsos, nem hipócritas. Lembre-se: você mesmo constatou para nós que, mesmo os que dentre nós se encontravam em algum nível despertos, éramos e somos todos agentes do “primeiro impulso”, o que, para a nossa natureza, fria, mas sem malícia — quando comparada com a dos humanos — é impossível a urdidura de qualquer mentira, falsidade ou hipocrisia. Os nossos erros e atitudes desagradáveis assim vistas pelos olhos humanos, o compreendemos, são por

força do nosso modo de agir algo frio, como se robotizado, conforme os seus termos, e não disfarçamos porque isto não sabemos fazer. Compreendo que o modo humano de lidar com as tradições que tivemos que implantar na Terra fez com que nós, os de fora, fôssemos tomados como seres “superiores”, “sagrados”, e isto compreendemos.

deixariam” até que, pelo menos, eu permitisse a retomada das “conversas”. Ressaltaram que eu não tomasse aquilo como atitude de quem desejava me dominar, mas tão somente o faziam por não existir outra opção para o sequenciamento dos factos que importavam a todos – segundo eles. Foram dias difíceis e desagradáveis e, pela primeira vez na minha existência, o “sono me faltou” ou me “foi tirado” propositalmente. Usei de todos os artifícios, até medicamentosos para dormir, mas não consegui. Resolvi, então, desistir, para poder passar um pouco “menos pior” do que a tônica daqueles dias.

Confesso que nos utilizámos disso para fazer valer a obediência dos terráqueos aos desígnios do Criador. Mesmo nós, os despertos, jamais agimos por questões de “ego”, mas tão somente movidos pelas ordens mentais recebidas e pelo fluxo do que estávamos acostumados a fazer com todas as espécies que foram sendo criadas no meio do processo de gerar vida advindo do jogo interminável das potencialidades do código do nosso Comandante e Pai. Como ele mesmo ressaltou, ainda estamos, todos nós, a aprender a conter os nossos impulsos de tratar vocês como sempre tratámos as demais criaturas que eram úteis ao reordenamento da Criação. Somos “engenheiros” que usam as peças desse grande jogo, enquanto somos, também, como vós, peças, criaturas-ferramenta que são utilizadas no processo. Você, assim, bem classificou a todos os que participam consciente ou inconscientemente disto.

E observe: temos que lidar com os humanos da maneira que as coisas são, pois não temos ciência para ensiná-los sobre coisa alguma, mas tão somente impulso mental para fazê-las funcionar de acordo com as premissas das nossas “certezas no campo da engenharia universal ou das ordens recebidas”. É em nome desta necessidade que precisamos manter, com você, este canal aberto pois, doravante, pelo que descortinamos, um futuro tumultuado espera pela sua sensibilidade pessoal e, como será você a definir os registos do que, nos primeiros momentos deste processo, ficará disponível para os tempos vindouros, faz-se necessário este contato fácil e rápido entre nós e você. Isto tudo em nome do bem comum.

— “Bem comum” de quem? De vocês?

— De todos, estimamos nós.

— É duro aceitar que vocês não são ou não se consideram hipócritas, pois jamais vi coisa alguma, no passado registado ou mesmo no presente, ser feita por vocês com algum nível de preocupação em como algum ser humano pudesse se sentir perante as suas “certezas” dessa engenharia tortuosa, que vocês dizem possuir, ou mesmo dos tais desígnios, que escandalizam a condição humana a todo momento. A ordem, dada a Abraão, para ele sacrificar o próprio filho; a utilização de concubinas para gerar filhos dos patriarcas do povo hebreu quando, com as esposas, não era dado a eles produzi-los, e as intrigas que disso surgiam; o inferno em que vocês transformaram a vida de Isaque e, depois, a de Jacó e a de toda a sua família, para fazer valer a “prioridade genética” de Javé; o enredo de forçar Moisés a matar um egípcio para ele ser obrigado a retirar-se para uma zona de influência de vocês, situada no deserto, e ali convertê-lo; a mudez que você impôs sobre o pai do João, o precursor de Jesus, somente porque ele se deu o direito de pensar se alguém na idade dele ainda poderia gerar um filho; e fazer de uma jovem virgem a mãe de um agente da Trimurti, sem a menor consideração pelo que ela e o seu futuro esposo José tiveram que passar e submeter-se durante anos, dentre outros enredos “maravilhosos”, todas essas “certezas dessa engenharia torpe” ou “desígnios amalucados e criminosos”, que não levam em consideração a honra e a sensibilidade humanas — e aqui nem falo do que fizeram com a minha própria condição —, é isto o que você chama de “bem comum de todos”?

— Infelizmente, como já afirmei, tivemos que agir sempre assim com todas as espécies surgidas no âmbito da Criação, que, para nós, eram vistas como “espécies e experiências biológicas” em curso operativo. Delas, inevitavelmente, sempre nos servimos para atingir os nossos objetivos, do mesmo modo como vocês, por influência dos nossos impulsos, o sabemos, agem para com as demais espécies da natureza terrestre, de forma a atender às vossas necessidades. É um problema que precisamos todos enfrentar, e dele somente tomámos consciência quando os humanos da Terra começaram a expressar o que agora você tem colocado como sendo inaceitável — o que o nosso Pai e Comandante tem se movimentado no sentido de decretar que assim seja entendido por todos nós. Temos que descobrir ou de criar um outro meio de levarmos adiante esta coexistência e é em nome desta necessidade que lhe pedimos a aquiescência necessária ao nosso convívio operativo. Compreende? Você mesmo é que nos força a isto, mas, reconhecemos como positivo ou mesmo inevitável o que está a acontecer e, por isto, a nossa frieza tem que ser substituída por uma convenção mental mais elaborada. Ajude-nos, ainda que a nossa presença lhe seja inconveniente. Aceite-nos, dê-nos o amparo mental crítico e tolerante que somente a mente humana esclarecida parece ser capaz de produzir. Faça connosco o que a sua consciência lhe determina porque, mesmo tendo um nível de consciência mais modesta que a de vocês, foi sempre movido por ela que agimos. Se o nosso Comandante aceita a sua consciência particularizada como sendo o “leme” que direcionará, doravante, o curso dos factos, durante o tempo que a condição humana lhe permitir, quem somos nós para não nos dispormos a seguir-lhe a atitude? Ajude-nos porque, depois de você, muitos assim também

o poderão fazer, sem quaisquer riscos às suas sensibilidades e livres de truques e de ardis, agora desnecessários. Devolvo-lhe a continuidade da comunicação com o nosso Pai e Criador.

— (...)

— Este é um dos meus, ó terráqueo, a quem permiti e mesmo acelerei o despertar, antes do meu próprio, porque nele confio, e ele lida com os demais da *Trimurti* para os ajustes necessários à coexistência das forças agora responsáveis pela sustentação de tudo o que gerei. Observe que algo está a existir entre os daqui, que você antes não percebia. E como ele muito bem disse, eu, Javé, sou e tenho sido o que sou, sem disfarces, sem enganos, e os ardis — que assim parecem para a lógica humana — nada mais representam do que as características da minha natureza que, aos poucos, vai-se tipificando como humana, porque o “modo humano de ser” me compraz e assim tenho determinado aos da minha hierarquia. Deixo-o agora para que você pense, reflita sobre o modo como estamos a procurar agir com você e com os demais humanos. Neste ponto, entenda que, por mais que você se demore, o sentido dos seus passos será sempre na minha direção. Por quê? Porque eu sou justo e sei que você também o é; eu sou a fonte original de tudo o que existe nesta Criação e sei que você sabe disto; e tenho as minhas características pessoais como os agentes da minha ação e outra coisa não podia eu dispor além disto, até o surgimento de seres como vocês — e você sabe disto pois foi por meio de você que nós, em tão pouco tempo, tomámos esta consciência. Antes, não poderia mesmo ter sido diferente, agora, poderá, sim, ser de outro modo, porque outros agentes que redimensionam as minhas

características poderão também agir. Por isto eu sei que você e todos os meus filhos e filhas terráqueos caminharão na minha direção, pois tempo virá em que todos saberão o que lhe deixei saber a meu respeito. Esta é a minha verdade e, em a conhecendo, vocês se libertarão, e eu sei que eu e os meus também o faremos. Que venha o futuro!

(Ano: 2014)

CAPÍTULO 10

Terceira Crônica

Você sofre, sei que sofre, e o lamento. Fixei a minha atenção em você e sem que o quisesse, todos os meus anjos fizeram o mesmo, e isto, reconheço, é peso demais para um humano. Mas, não havia mesmo, por enquanto, outra opção, pois era e é de você que o despertar está a vir para eles.

Muitos outros, agora, já aprofundam a abordagem mental que fazem sobre o que eu represento. Um pouco mais e eles também serão os motores das transformações pelas quais agora tanto ansiamos.

Digo “agora”, porque somente nestes tempos atuais é que conseguimos apropriar a compreensão necessária para perceber a questão. Tudo sempre passa por mim. Nada chega a eles sem que antes passe por mim. Assim foi e é com os meus filhos diletos de primeira hora.

Já com as classes de filhos que surgiram como sendo do meu código e da parcela deste que foi assumida por Shiva¹, esses

¹ NAT: Javé aqui está a referir-se às primeiras classes demoníacas surgidas logo após o embate entre ele e Shiva, no passado.

recebem as vibrações “antes” de mim, seja o que eles criam ou mesmo do que se apropriam dos seres biológicos, como os terráqueos, e somente depois é que isso chega até mim.

Quando, porém, do surgimento da geração de outras classes a partir do meu código e da parcela deste modificada por Vishnu, os que daqui surgiram, passaram a transferir-me quotas de vibração diferentes, bem interessantes, que por muito tempo me satisfizeram sobremaneira. Só recentemente, é que esses seres passaram a, também, retirar eflúvios dos evolutivos como vocês. Os terráqueos, porém, têm o poder avassalador de repassar-me objetivamente o que pensam e o que sentem, como nenhuma outra natureza de qualquer espécie anterior logrou fazer.

Já são tantos os tormentos que absorvo e as dores que sinto em mim, que uma a mais ou outra a menos não me modifica o padrão mediano do que sinto a cada momento da minha existência. Contudo, quando “algo de diferente”, de delicado, de amoroso me chega de um terráqueo, isto me altera substancialmente o teor do que sinto exatamente naquele instante. Não sei se me faço explicar! Você compreende-me?

Por que estou a dizer-lhe isto? Nem eu mesmo sei ao certo! Acho que é somente para despertar, na sua sensibilidade humana, a vontade de conversar comigo. Para que você compreenda que, se eu lhe fiz e ainda lhe faço sofrer com a minha proximidade, saiba que você também me devolve à altura quando me diz, na face, o que pensa a meu respeito, pois esta é uma das poucas coisas desagradáveis, das muitas que recebo por força do que semeiei —

isto eu sei — que ainda alteram para pior a minha condição, pelo menos no momento em que “escuto” ou que apreendo o que você me dirige.

Compreendeu?

A minha natureza se instabiliza para, depois, voltar ao padrão anterior, estável, do meu modo de ser, como sempre fui a cada momento, de como tenho sido desde que me ergui como sou. Saiba: sou sempre o mesmo, mas me modificando para fazer face às complexidades que surgem na minha Obra. Por isto, mudo com a mudança que vem das minhas criaturas e nelas me comprazo. Preencho as minhas necessidades por meio do que das minhas criaturas recebo e do que eu mesmo produzo — por isto produzi todas elas, para poder delas me manter —, e é isto que faço, e por isto sou o que sou, pois assim é a minha natureza. Sou o provedor e o tomador...

— Você deveria envergonhar-se de quem você é e não se vangloriar por ser alguém que defrauda a sensibilidade alheia, por meio de ardis, para dela se alimentar. Este é o jogo entre predador e vítima, ó Javé, e este jogo criminoso existe porque foi gerado pela sua natureza torpe. Envergonhe-se de quem você é. Saiba que isto seria bem mais digno da sua parte do que esta sua arrogância decrépita, que somente demonstra quão cego e ignorante você é em relação a você mesmo e a todos os demais crimes que se permite fazer, com a “justificativa” de que pode alimentar-se das suas criaturas porque pretensamente as criou. Ainda que assim fosse, não lhe reconheço este direito, do qual, covarde e

injustificadamente, você tem-se arvorado para se alimentar dos fluídos do psiquismo terráqueo e da movimentação que esta faculdade pessoal produz no DNA animal de cada corpo. Dê-se ao respeito, ó você que é um ser destituído de qualquer noção de honra e de valores nobres. Somente após isto é que de mim você colherá algum respeito. Enquanto você desonrar um humano com os seus caprichos criminosos, como fez com Abraão, mandando-o matar o filho, tão somente para testá-lo na sua natureza humana, e como ainda você se permite fazer comigo, até lá, não o respeitarei, pois você não passa de um psicopata desassistido, tão superlativo é o grau da sua doença.

— Como sempre, você me agride... Convido-o para uma conversa, mas não para escutar semelhantes injustiças e julgamentos inapropriados.

— Lixe-se!

— Não compreendi.

— Fique sem compreender! Você não compreende mesmo muita coisa, já que a sua natureza pessoal é podre. Na podridão da sua criação mental você surgiu, da podridão você se fez, e às custas das suas criaturas, as quais você as tem como escravas, vem delas se alimentando na pretensão de se tornar alguém digno. Dignifique-se, pois, para adquirir o respeito dos terráqueos que porventura tiverem a desgraçada oportunidade de o conhecer diretamente.

Quem não o conhece, até que se engana. Mas, infelizmente, este não é meu caso. Fique, portanto, sem compreender.

— Mas, reconheço que preciso ampliar a minha compreensão... ainda que me inquiete e me desagrade na hora em que estou a ser contrariado.

— Se você compreender que a sua “desesperada necessidade diabólica” de sobreviver a qualquer custo terminou por se transformar em uma coisa maligna, que faz mal a quem você resolve “dominar” para se “alimentar”, para estes infelizes, entre os quais me incluo, o diabo sequer precisaria existir, porque você já é muito pior que o próprio, se este existisse. Mas quem, diabos, precisa de um “diabo” se você já inferniza a vida de um modo muito pior que o próprio faria, caso existisse? Você precisa superar esta condição, sob pena de, para os terráqueos adultos do futuro planetário, a figura do “diabo” parecerá uma criança traquina quando todos lhe conhecerem efetivamente. Infelizmente, até mesmo por insistência sua, eu o conheço, e se você é verdadeiramente quem diz ser, realmente, não precisamos de um diabo com todas as suas perversões. Você o supera em tudo! Ainda que se humanizando, como você afirma estar, aos meus olhos, você é um ser maligno, diabólico, com a mania de grandeza devido à “estupidez clínica” que lhe marca a fronte, tanto agora, como também, antes da Criação, conforme tenho depreendido desta nossa desgraçada convivência.

— Como me é desagradável ouvir tudo isto de você! Enoch me obedeceu cegamente, Moisés...

— Não me venha com esta história mais uma vez. Enoch, você o enganou e fez dele o que quis, e ele sempre agiu de boa fé, acreditando estar ao serviço de um “deus decente e justo”. Moisés já foi forçado a render-se aos seus caprichos, até mesmo pelo facto da sua astúcia de tê-lo envolvido para que ele matasse um feitor egípcio, sendo, então, expulso da aristocracia faraônica, única maneira que você viu para que, depois, fragilizado, ele pudesse ser dirigido pela sua hierarquia angelical. Maomé também agiu de boa fé, apesar de também “violentado” pela sua hierarquia angelical, conforme ele mesmo deixou registado para a posteridade, tão grande era o seu temor no início da “Recitação”. Com Jesus, porém, você fez pior: o matou cedo, para que ele, enganado como estava, desde criança, em relação ao seu “bondoso e justo Pai”, não viesse a descobrir as suas necessidades e caprichos diabólicos, que somente os percebeu na hora da crucificação. Você aproveitou-se do seu “modo sátvico” de ser, e sei que você sabe do que estou a falar. Portanto, não me venha com estas argumentações esdrúxulas, pois a mim elas não enganam. Os factos falam por si mesmos! Eu sei qual é uma das suas preocupações: se quase tudo o que Enoch escreveu sobre o “deus justo e poderoso”, que ele pensou ter conhecido, terminou perdendo-se ou foi destruído na noite dos tempos, agora, o que estou a apontar sobre a sua face real seguirá rumo à posteridade, e as gerações futuras da Terra e do universo — se o que os seus anjos dizem for verdade — saberão quem você verdadeiramente é, sendo esta a questão que mais o preocupa. Dignifique-se, pois, ou então, use do seu poder, se é que você ainda tem algum, e pare de me forçar esta convivência da qual somente retiro estes retratos apodrecidos da sua face. Use-o para se afastar de mim ou para me destruir! Por falar em retrato, nós

somos o “Retrato de Dorian Gray” para que você permaneça “vivo e sempre jovem”, atuando criminosamente, enquanto durar esta sua infelicitada Criação – entenda se puder! A outra solução que lhe dou é a de me mandar destruir tudo o que até agora escrevi sobre a sua situação, o que farei com satisfação, pois não cumpro essa função de bom grado, seja lá o que diabos possa representar esse papel. Esta é ou será a única ordem sua que obedecerei com alegria. Quanto ao mais, dignifique-se para ter o meu respeito. Do modo como você se comporta, saiba que não o tem. Não se engane!

— Não me engano. Com você, não mais me engano!

— Você quer que eu destrua tudo o que foi feito até agora e paramos com esta palhaçada, com toda esta farsa de uma vez por todas? Não pense que me seja difícil fazer isto e pedir desculpas às pessoas que se envolveram com esta história. O farei com absoluta tranquilidade moral, pois jamais pretendi convencer a quem quer que seja sobre coisa alguma. Quer que eu destrua?

—Não!

— Você tem certeza que não quer pensar mais? Pense mais, pense mais profundamente, e não precisa ser agora a sua pronta resposta. Pense se não será melhor pararmos, em algum momento, com estes desdobramentos, pois você pode matar este corpo que me serve, pode esfacelar com a minha sensibilidade e dignidade humanas, mas não me dobrará porque eu sou a parte decente desta história. Você, independentemente de quem seja, é a parte podre,

a indecente, ainda que sei, isto não o afeta, porque você é destituído de qualquer caráter. Mas, pense bem e veja se não é melhor me encomendar uma boa morte, com o seu pretenso poder, e ver-se livre de mim. E saiba que, o que mais desejo é ver-me livre de você e dos seus assecclas angelicais, portanto, matar-me será um favor que mostrará alguma dignidade vinda de você, pois manter-me vivo para somente servir-se da minha condição humana, saiba que isto me é motivo de repulsa filosófica profunda. Enquanto no uso do meu já destruído ego, saiba que não lhe dou este direito que, pretensamente, o espírito que me anima parece lhe conferir.

— Permaneçamos nesta parceria, eu preciso, sei que preciso! Ela me diz muito. Não preciso dar-lhe nenhuma resposta mais tarde. Continuemos. É necessário que seja assim.

— Você é que sabe.

— Você vai publicar isto?

— Isto é comigo. A decisão que lhe dou e lhe dei é outra.

— Faça o que quiser.

(Ano 2014)

CAPÍTULO 11

Quarta Crônica

Você acha-me duro e inflexível, mas não sou. Apesar da natureza que me marca, tenho “boa pendência”. Sou de “bom coração”, como apontam os terráqueos em relação aos que semeiam e praticam o bem. Não me meça pelo que lhe fiz...

Acostumei-me a ser o que sou, mas sempre me estranhei tendo que ser o que terminei por me definir com algumas das minhas faces. Assumi em mim todos os problemas da Criação e, em os percebendo, decodificando-os, um por um, vivendo-os em mim, busquei solução para cada um deles e ainda continuo nesse curso de reajuste de mim e da minha Obra, isto eu sei.

Você precisa compreender-me e ser paciente comigo. Eu fui paciente com tudo e com todos, agora preciso que os humanos da Terra sejam pacientes comigo, aqueles que me vierem a conhecer mais intimamente, nesta minha continuidade do que sou.

Muito realizei, mas ainda há muito para ser construído em mim mesmo e disto, agora, já sei. Filhos meus, os quais você não conhece — porque jamais sobre eles foi-lhe dado qualquer notícia — aconselham-me prudência neste princípio de convivência que

consegui estabelecer com você. Ainda que sem pacto, firmamos uma parceria.

A prudência tem a ver com as múltiplas faces que assumi ao longo da minha existência, enquanto tive que ser o que sou. Nem sempre pude me comprazer comigo mesmo. Decido e decidi muita coisa sobre tudo, menos sobre mim mesmo, hoje o sei.

Tenho que me acostumar e aceitar o facto de que as regras do jogo que gerei me devolvem os resultados desta peleja criativa, a cada momento, enquanto ela se expressa. Sem os humanos, eu jamais teria percebido isso, agora sei. Vishnu e Shiva conduziram-me a isto, não nas suas formas que me são afeitas e a mim pertencem, porque construídas com o meu elemento, mas por meio das suas expressões *avatáricas*, principalmente a de Krishna. Jamais gostei de como ele se apresentou aos meus últimos descendentes da doutrina *dhármica*, como também aos primeiros de uma nova doutrina que ainda não a compreendo como gostaria¹.

Mas, apesar de ser eu o Criador, por força do meu método, sou obrigado a recolher o que todas as minhas criaturas semeiam. E isto também vale para os *avatares* dos meus dois parceiros de Triunvirato. Faço parcerias com todas as minhas criaturas, pois esta é a forma de gerir o que criei. Comando e partilho, concentro e

¹ NAT: Javé/Brahma aqui referiu-se aos “seres demo” que viviam na Terra, já misturados aos poucos humanos que por aqui existiam, quando Krishna resgatou, já de um passado esquecido, o ensinamento do dharma, “dever supremo de cada ser”, renovando-o para os seres que viveram os tempos descritos no Mahabharata. Depois, veio Jesus semeando os ensinamentos morais constantes nos evangelhos, ensinando e testemunhando, diretamente para os homens e mulheres da Terra, o modo digno e amoroso que um ser humano pode assumir como lema e código filosófico da sua existência.

reparto, dou e recebo de volta, gero e me alimento, semeio e colho. Além disto, dou de mim para todos e de todos recebo o que, por lei natural do que criei, me pertence. Por isto, comando, mas obriguei-me a também partilhar, o que hoje me compraz. E o reconheço: devo à minha convivência com os humanos da Terra esta nova face da minha natureza pessoal, que é a de partilhar. É assim que firmo meus pactos, as minhas parcerias.

— Eu não tenho nenhuma parceria com você, ó Javé, e jamais a terei enquanto você for isto aí que você é: alguém tentando sempre se impor, de algum modo, sobre outrem. Pare com isto. Deixe de ser ridiculamente repetitivo. Ouse ser algo diferente do que é. Nem mesmo você deve mais se suportar sendo esta coisa que se move eternamente como um predador, tentando, com os ardis possíveis à sua natureza, “fazer com que a vítima se deixe aprisionar na sua teia”. As aranhas, que são somente criaturas suas, fazem isto bem melhor que você. Dê-se ao respeito! O que você chama de parceria comigo é tão somente a sua inapropriada forma de se conduzir e que atropela, sufoca e enfeia a vida de quem você define como tendo de ser seu agente ou seja lá o nome que a esta infeliz ideia possa ser dado. Enoch já se referia ao modo como você “atormetava os seus eleitos”.

Como não me é possível livrar-me da sua companhia, cedo à sua aproximação e deixo que o foco da minha atenção minimamente se fixe na sua pessoa, mas isto não é parceria pois se dá tão somente pela falta de educação da sua parte. Eduque a sua natureza transviada, seja alguém polido! Como você considera tudo a “sua casa” e a todos como sendo “extensões da sua pessoa”, simples

ferramentas dos seus caprichos, na sua infelicitada natureza você passa a considerar parceria o que é tão somente uma violência. Até já estou a acostumar-me à ideia de que você definitivamente precisa do concurso dos terráqueos como jamais precisou, antes que outros o mantivessem com as suas vibrações e convenções mentais. Por isto, e por ver a sua situação, a sua desgraça pessoal e a de todos os que o rodeiam, tão somente por isto, ou seja, por pura pena e dó, é que me suporto fazendo o papel com o qual você tem embrulhado o que resta da minha vida terrena. Mas, nem no seu mais remoto compartimento de consciência, caso a tenha, não se deixe pensar que eu considero isto uma parceria ou que o vejo com bons olhos.

Não! Para mim você é tão somente digno de pena. No dia que algum sentimento de vergonha — não pelo que você fez enquanto divindade, porque não me é possível avaliar, mas pelo que você ainda faz, se permitindo “vampirizar” as suas criaturas de modo descarado, covarde e criminoso, sem pôr um fim a este tipo de atitude que lhe torna o mais desgraçado de todos os seres, ainda que você pretenda se achar “grande” —, ou no dia em que alguma decência surgir em você, em eu estando vivo, e em você insistindo nesta convivência, eu perceberei. Nesse dia e tão somente nesse dia, de mim você colherá o respeito que costumo dar a mim mesmo e a qualquer outra forma viva que tenta dignificar, consciente ou inconscientemente, a grande tragédia que você criou com a sua mania de grandeza. Você não presta para nada!

Nós, terráqueos, servimos para alguma coisa porque, apesar das feiuras que herdamos do seu DNA doentio, nós podemos amar.

Você não! Por isto lhe afirmo que este Javé que se deixa conhecer para mim, não serve para nada! Não, Javé, isto não é uma parceria, não se iluda. E o repito: se você realmente tem algum poder, use-o no sentido de me destruir logo, pois de você e dos seus vergonhosos capachos angelicais tão somente quero distância. Não me digno, pequeno e miserável que sou, ainda assim, não me digno a ter parceria com seres do seu naipe e destes seus covardes capachos, partidários dos seus crimes. Não tenho nada com você! Aparte-se você de mim, caso tenha alguma porção de dignidade que eu não tenha percebido.

— Não posso dar importância ao que você diz. Para mim é uma parceria! Na verdade, esta é a única parceria ativa, produtiva e perturbadoramente enriquecedora, que eu tive e tenho até este momento, porque você não disputa comigo, não me obedece, não me tem amor, mas também não me tem ojeriza ou ódio e conseguiu superar-se para compreender a minha singular condição. Não sou covarde nem me considero criminoso. Do mesmo modo que o vi deitado, quando das paradas cardíacas da sua condição humana — “defunto pronto”, não era assim que você se chamava? — e mandei dois dos meus anjos lhe assistirem e você os recusou, ali vi que o seu intelecto humano era tão destemido quanto o meu que, em outras situações, agora o confesso, também me “deitei” perante o desconhecido e pela primeira vez senti vontade de me ver livre de tudo. Mas foi fugaz, um momento fugaz da minha natureza, pois a responsabilidade de dar suporte a tudo o que criei é a voz que fala mais alto na minha consciência. Saiba, ó humano, eu tenho, sim, uma consciência. Qualquer natureza a tem. E não pratico vampirismo escancarado, como você aponta. Muito do que você me

lança se assenta definitivamente no que sou, porém, outras tantas assertivas suas estão profundamente equivocadas. Mas, deixemos o vazio das nossas pendengas inconclusas de lado para podermos seguir adiante na nossa parceria — assim a defino e pronto.

— Trate de arranjar outro animal de carga pois o corpo que utilizo não vai suportar por muito tempo. Nos outros episódios em que a sua presença, como também a dos seus capachos angelicais, causaram mal ao meu corpo, já pude perceber como vocês são seres falidos que propagam um poder que, se um dia o possuíram, hoje vocês estão mais para “pedintes” do que para “potentados”.

Enxerguem-se e deixem esta coreografia ridícula, que funcionou com Enoch, pelo efeito da sua então ingenuidade e fatores daquela época, mas hoje, ó “Ancião dos Dias”, você é tão somente o resto do que naquela época já restava de si mesmo. Não se iluda: a entropia gerada pela força daquele que veio a ser Shiva também o envolve e aos seus anjos, que se pensam imortais como você também se achava. Enquanto ainda podem, deixem de ser dementes e percebam o que espera por vocês ao longo do próximo “pedaço de eternidade”. Preocupem-se em “prestar para alguma coisa” e não somente servir ao torpe interesse coletivo que os move. Vocês já não podem

muita coisa. Na verdade, tudo o que vocês ainda conseguem fazer é infernizar a vida de um humano do meu tamanho. Cada dia que passa, ó Javé, tem a vantagem de ser um dia a menos dos que eu tenho que viver nesta farsa detestável em que você transformou a minha vida, suportando a sua criminoso e desagradável presença.

É tão degradante este seu estupro à minha sensibilidade, que o que resta da minha energia pessoal se esvai quando você e estes seres falsamente robotizados invadem o meu espaço. Já não mais consigo repor o que perco e não permito que ninguém, ainda que bem-intencionado, o reponha, pois me sinto como sendo sempre “alguém que é cevado para ser vampirizado”. Já lhe disse uma vez e agora o repito: lixe-se!

— Sei do que isto se trata. Sei o que significa.

— Pois faça disto bom uso e suma da minha presença.

— Isto não poderei mais fazer e não é você quem comanda o processo. Sou eu. Aqui ficarei e a seu lado permanecerei, pois foi e é esse o meu desígnio longamente desenhado desde os tempos em que teci a linhagem dos meus escolhidos.

— Quem não comanda a si mesmo não consegue comandar coisa alguma à sua volta. Isto é ilusão promovida pela grau de estupidez clínica que marca o seu psiquismo e o dos seus capachos angelicais. Na época de Enoch, você costumava deixar claro que se vingava daqueles que não lhe eram obedientes, e penso ser esta a questão. Entretanto, isto não prova que você comanda coisa alguma, na verdade, somente demonstra o seu grau de perversão espiritual e a sua sordidez pessoal, nada mais. Os que se deixaram educar na esquisita postura do “temor a deus” são iludidos que veem nisto um “deus todo poderoso”. Lixe-se com estes que assim o consideram. Quanto a mim, sei que continuarei a carregar o terrível fardo da sua

covarde vingança pessoal contra um miserável ser humano, cujo algoz, além de covarde, não tem nenhum tipo de honra. Vou esperar o quê de você? Falido, fracassado, demente e doente ao extremo – e ainda pouca de deus! Enxergue-se! Infelizmente, não posso fugir ao pagamento do preço por lhe dizer isto. Que seja, pois, conforme o grau da sua perversão pessoal, sofro a sua vingança, mas não dá para repetir Enoch. Desista!

— Ó humano, quanto terei de suportar de ti?

— Espero que pouco, pois a morte corporal já passeia pela resultante vibratória deste veículo adoentado tanto pelo seu DNA amalucado como pelas maluquices que tenho eu mesmo que criar para poder sobreviver, enquanto a sua vingança me cai sobre os ombros. Assim, espero que por pouco tempo! Aproveite para banquetear-se com o que desgraçadamente vou sendo obrigado a descobrir sobre as suas esquisitices. Um pouco mais e eu não mais estarei por aqui, ó Javé, e penso que ambos sabemos disto. Portanto, trate de arranjar outro.

—Determinarei para que...

— Você não determina coisa alguma a meu respeito, ó Javé, a não ser para praticar as suas maldades para com a minha vida cotidiana. Poupe-me pelo menos de ter que lhe escutar as bravatas sempre remóidas pela sua demência. Basta! Paremos por aqui.

— É! Neste seu dia não está a ser mesmo possível conversarmos. Você está totalmente inflexível.

— Pense o que quiser, faça o que quiser.²

— Um dia, ainda nesta sua vida, você compreenderá: eu verdadeiramente sou todos e, do mesmo modo que vocês, humanos, não conseguem levar uma boa vida se os seus impulsos não mais têm relação com a sua vontade, se os seus pés e mãos não mais obedecerem ao seu comando, se você quer olhar para a direita e a sua cabeça se volta para a esquerda, como alguém pode viver desse modo? Pois é muito pior a maneira como me sinto quando uma das minhas criaturas, que fazem parte do meu eu, volta-se contra mim. Já me é incômodo admitir “vontade própria” nelas, porque isto me causa desconforto e me desequilibra. Mais, ainda, inquietação me causa quando surgem nelas vontades e inclinações que jamais fizeram parte da minha natureza, sejam a que nível for. Isto tudo me condói. Sofro e sei que faço sofrer, mas não é porque queira ou fazer sofrer seja da minha natureza.³

— Enoch foi o primeiro humano que construiu uma opinião própria a meu respeito, num certo sentido crítico, mas sem me criticar. Ele viu que eu “atormentava” — segundo definição dele — “os meus eleitos”, aspeto sobre o qual somente muito mais tarde,

² NAT: Pensei que a “conversa” havia acabado. Ocupei-me de outros afazeres e, somente próximo à hora de dormir, voltei o foco da minha atenção para a presença daquele Ser, ainda plenamente vibrante no ambiente em que me encontrava. Ao notar que eu o havia percebido, disse, quase que como uma criança: “— Não saio daqui! Não tenho melhor lugar para permanecer, pelo menos por enquanto”. Após certo tempo, perguntou-me: “— Podemos voltar a conversar?”.

³ NAT: Continuei em silêncio deixando-o bem à vontade, até para ver se aquilo acabava logo, pois o esgotamento físico já se fazia patente no meu psiquismo, além do desconforto pela sua presença.

na segunda fase da convivência dele conosco, é que ele construiu o necessário entendimento que aquilo se devia aos critérios da minha pedagogia, que estava a ser desenvolvida para as criaturas da Terra que, singularmente, libertaram-se do meu jugo automático. Assim ele pensou e ele estava certo! Esta liberdade plena é parte do meu problema para com os humanos da Terra. Associado a isto, aí sim, reconheço existir uma característica da minha natureza, provavelmente produto dos caminhos que percorri até ser o que sou, das circunstâncias que tive de enfrentar para chegar até aqui, e sei que não sou agradável quando os meus impulsos naturais se expressam automaticamente após o meu circuito ter sido contrariado. A minha forma de ser não tem como “controlar” estes impulsos... Tenho raciocinado muito sobre isto, mas não é possível... A única perspectiva ou noção razoável que tenho sobre obter alguma possibilidade de crescimento, ou seja, de superação das barreiras que existem na minha natureza, é a de continuar a convivência com os terráqueos, pois esta é o alimento mental que me mantem, apesar do comportamento febril e furioso que me acomete o psiquismo quando sou obrigado a lidar com o que me contraria a natureza. Vocês precisam descobrir como podem ajudar-me... você precisa...

— Pare! Não inverta as coisas. Você é quem tem que se educar... você é quem precisa evoluir de padrão vibratório, urgentemente. Nós, humanos, vamos evoluindo lentamente e não há mesmo muito o que fazer. Mas, não temos como suportar a sua maneira de ser sem que você o dignifique um pouco. Assim não dá. Sei que não posso nem quero falar pelos outros. Falo por mim mesmo. E quanto a mim, não se iluda, pois sei que o seu próximo passo é deixar nas

entrelinhas que, para que eu o ajude, sou eu que tenho que me submeter e aceitar ser continuamente violentado pelos seus “impulsos febris” — meros caprichos de uma mente criminosa que não se acerta consigo mesmo. Esforce-se, pelo menos a ponto de parar de desrespeitar a honra alheia. Depois disso, pelo menos de mim, você pode esperar comportamento diferente. Caso contrário, os seus crimes passados e presentes e a sua inesgotável insistência em desejar continuar a ser o que sempre foi não lhe qualificam para que de mim você leve “um só grama” de confiança. Nem pensar! Como já lhe disse, pense o que quiser e faça o que quiser, mas não se iluda, que a mim, você pode enganar em muitas outras coisas, nisto, não mais. Se é que isto realmente tem para você a importância que afirma ter, você esta colher o que semeou. Vou dizer o que já lhe disse de outro modo e em outras circunstâncias: você esfaqueou-me por trás em quatro oportunidades e deixou todos os punhais cravados na minha sensibilidade e nunca demonstrou honestidade de arrependimento, ainda que, depois do primeiro, você tenha dito que “agora” tudo estava resolvido e que eu podia confiar em você. Covardemente, ainda me cravou mais três punhais, exigindo a minha submissão. Ora, Javé, enxergue-se! Independentemente de quem você seja, ou do que você possa pensar que é, para mim você não passa de um psicopata desassistido, com mania de grandeza, cego e perdido na imensidão da própria Obra. O seu grau de demência não lhe permite perceber o quão medíocre você é enquanto ser particularizado.

— Você já me chamou de psicopata desassistido inúmeras vezes... “psicopata” eu sei do que se trata, mas “desassistido”, não compreendo o significado que você pretende dar...

— Pois fique sem compreender.

— Isto não corresponde aos factos que eu...

— Somente o facto de você me dizer isto, e sei que a sua doença ainda não passa pelo cinismo e escárnio, mostra-me como você ainda é covarde, demente e medíocre. Como quem bate em cego, você me “apunhalou” de modo traiçoeiro, convenceu-me que aquilo foi um ato de desespero seu para depois apunhalar-me, novamente, e mais outras vezes, sem jamais se dignar a corrigir-se, a retirar os punhais que a sua covardia e tendências criminosas me marcaram. Até hoje suporto toda esta violência; até paradas cardíacas este corpo já teve, e o que vejo em você senão a mesma voz que me dizia que, se eu não o obedecesse, iria ficar miserável, para somente assim aprender a depender da sua “grandiosa benevolência”. Você ainda tem quantos punhais na sua coleção de maldades, ó Ser perverso e criminoso?

— Não me entenda assim... você não me deixou expressar-me. O que tentei dizer foi que, para o meu modo de ser, as suas acusações não correspondem aos factos como eu os vejo, mas reconheço que, na sua lógica, assim parecem e efetivamente são. Não discuto. Errei! Entretanto, não é por maldade, é pela doença que tanto você fala.

— Cure-se!

— Sozinho não tenho como... com Vishnu e Shiva alcanço algum progresso, mas não o que você chama de cura.

— Vire-se!

— Por ora vou deixá-lo... mas retornarei e espero encontrá-lo mais condescendente para com as coisas que a minha natureza produziu na sua vida. Não tenho como desfazê-las, mas muito gostaria...

— Javé...

—Está bem... já vou deixá-lo sozinho.

(Ano 2014)

PARTE TRÊS

Crônicas Forçadas

CAPÍTULO 12

Primeira Crônica

Na data em que me encontrava a refletir sobre o leque de dificuldades e a amplitude das mesmas no fluxo da minha vida, provocadas pelas “mexidas” que os assessores de Javé promoviam, levados, talvez, ainda pelo velho e perseguido objetivo de me pôr de joelhos — pois que somente tudo piora em termos de dificuldades a serem superadas pelo que resta do meu “oxigênio” nesta existência — registei a minha insatisfação, como normalmente faço.

Desde que comecei a ser covardemente agredido por aqueles seres, assim decidi proceder como um modo de “pontuar” as ocorrências na minha vida e para deles ter a devida consciência, sem cultivar qualquer tipo de ilusão. Mal terminei e eis que eles se aproximaram e a “convivência direta” com Javé foi desgraçadamente estabelecida, mais uma vez.

— Você não deveria registrar os seus momentos deste modo, ó humano! Olhei para o texto, descrito a seguir, e comecei a reler o que havia escrito, enquanto me perguntava se não seria mesmo melhor, para o meu “bem-estar”, apagar aquilo antes daqueles seres começarem a perturbar-me a sensibilidade, se é que a minha natureza ainda consegue ter algo que com isto se pareça.

“Estou consumido, vampirizado, vivo do resto da vida, da pretensa comida de um desgraçado ladrão, defraudador, com ajudantes do tipo “sepulcro caiado”, verdadeiros enganadores de humanidades. No início, eis que surgem os ardis sempre tão eficazes, mas tragicômicos, medíocres no seu desenrolar, e o detalhe: jamais finalizados, tais quais desígnios desastrosos porque enganam a si mesmos. Acabam, porque tudo o que é podre, acaba, e por aqui todos já nascem, assim, podres, prontos para a entropia, porque podre é o DNA de tudo o que tem esse tipo de vida. Tem dia que até o ar me falta e mal consigo viver do resto, penso que morrerei, ledo engano, continuo podre, cativo da vida, escravo do ter que acordar, Ah, miséria contínua. Podridão corrente, crescente, mediocridade perene, esquisita, torta, mal esculpida, como obra de arte decadente, da mente demente da besta-fera reinante. Ainda me faltando ar, na dúvida do último alento, percebo que ninguém se envergonha. Se o faz, cuida para que eu não saiba, deus, inclusive, senhor dos favores divinos, e de outros tipos, mas só para os tomadores.

Ah degradante necessidade, roubo constante, das mutações erguidas, a cada instante, tormento pulsante, tortura ultrajante, que jamais cessa. Bem-vinda é a boa morte, único aspeto digno, que nesta obra surgiu por acaso, porque sequer foi finalizada, trôpega engenharia.

Mendigos e miseráveis que se fazem deuses, criminosos perpétuos de impagáveis contas, enquanto sofrem os heróis, instrumentos de um favor, que pode ser divino para quem dele se serve, mas pavoroso para quem nele é seu agente.”

— O que você quebrou na minha vida, lá atrás, ó Javé, não dá para ser remontado. O que você, covardemente, quebrou na minha condição humana não tem conserto, não pode ser consertado, muito menos por seres do seu naipe e das expressões “Adhydaiva” dos seus dois companheiros de Trimurti (Vishnu e Shiva), ou mesmo das suas faces avatáricas que são omissas em muitas coisas, principalmente quando deixam a condição humana e voltam a fazer parte ativa desta podridão que você chama de modelo governativo universal. É vergonhosa a situação funcional de todos vocês! O que me inquieta é não ver “vergonha na face” de vocês que, para mim, estão se transformando em seres cada vez mais banalizados na perversão e no mal. Você não reconhecer isto me demonstra que o seu talento natural serve tão somente para o que

você vem sendo, ou seja, uma besta-fera perdida numa pretensa grandeza que alguém como você não pode ter. Se você acha natural e decente o seu modo de ser, realmente, nada há mais para ser dito. Apartem-se de mim, vocês que padecem da doença da mediocridade existencial. Já lhes disse: sou somente miserável, mas vocês há muito apodreceram. Não me atormentem com o modo insistentemente ridículo e invasivo que indisfarçavelmente lhes marca o psiquismo de predadores enlouquecidos que tudo fazem para “dominar a presa”.

— Ó humano, como me arrependo de o ter escolhido para este mister... e não tenho como refazer ou desfazer o que fiz há muito tempo, quando você ainda me era dócil.

Permaneci em silêncio, sem a menor motivação para sequer dirigir àquele Ser qualquer palavra. Não valia a pena! Apesar da sua aparente demonstração de querer assumir a lógica humana para substituir a que o estigmatizava como sendo aquele amontoado de corpos-testamento de todas as etapas tenebrosas pelas quais passara, Javé continuava a ser absolutamente o que ele sempre fora só que, agora, parecia, a cada vez que me procurava e se apresentava, mais enfraquecido e esquecido de disfarçar certos detalhes da sua conformação aos meus olhos. A sua doença ali estava desgraçadamente apresentada à minha avaliação e, perante o inusitado da situação, eu me recusava e me recuso a ter-me como “médico” ou “psicólogo” para alguém naquelas condições. Não tenho e nunca tive talento nem “diploma” para tanto. Mal consigo cuidar de mim mesmo, muito menos vou conseguir fazer isto com

o “pé que me pisa”, com a “mão que falsamente se estende, mas com o intuito do ardil e da agressão covarde”.

Não, mil vezes não! Dez anos a sofrer todo o tipo de abuso, esgotara em mim qualquer oxigénio restante que eu me permitisse utilizar neste sentido. Não! Aquela era a minha “satyagraha” do desespero, ou seja, diante da tortura diária, era a minha maneira de resistir pacífica e amorosamente em nome da decência. Não vendi a minha alma antes, pois não fiz os tais pactos ridículos quando ainda “fazia sentido” — pelo facto de desconhecer o que atualmente desgraçadamente conheço — e, não seria agora que, conforme penso, já estar próxima a minha hora derradeira, que eu iria participar daquela farsa nos moldes propostos por aqueles seres.

Havia algo de muito errado naquilo tudo, mas me recusava a refletir sobre o facto da ligação que aquele Ser parecia ter em relação ao meu modelo genético, pois que tudo que eu fazia, na minha condição humana, parecia estar a ser absorvido ou vampirizado por ele.

Perante o inevitável, e pelo simples facto de ainda estar vivo enquanto era e continuo a ser consumido pela pesada quantidade de problemas que, covardemente, Javé e os seus anjos, tão criminosos quanto ele, impuseram à minha vida, mal me restava energia para me conduzir até à noite seguinte, quanto mais para me dedicar a cuidados vibratórios, delicados, em relação a um Ser que me era e é monstruoso em todas as suas feições.

Principalmente agora que, até o que jamais me faltara — o sono reparador — parecia também estar a ser roubado pela presença covarde e indesejável daqueles seres, modo de, talvez, me enfraquecerem ainda mais no sentido de me levar a “pedir clemência” ou ofertar algum tipo de rendição psicológica. Não! A vida nesses moldes não é digna de ser um alento que se pretenda manter pelo instinto animal advindo do DNA biológico que marca a espécie à qual pertença. Não! Aquele aspeto animal já não existia em mim, e os estúpidos seres que me monitoravam agiam como se o meu “eu primário” ainda fosse movido por esta intenção. Não! A partir de um certo momento, passei a perceber que o contágio advindo das doenças daquele Ser iria fatalmente esgotar-me a condição humana, consumi-la, e há muito estou preparado para que a finalização deste processo, quando chegada a sua hora, possa dar-se com absoluta tranquilidade, pelo menos no que se refere à condição do meu psiquismo em sucumbir em paz, sem maiores problemas. Mas, já nem isto estimo, pois sei que eles criarão problemas até ao último momento da minha vida corporal, até porque já havia passado por aquela situação, e pude ver como até naquilo eles eram e são incompetentes, e fingem ter poder tão somente para impressionar os humanos. Não!

Da minha parte estava e está consumado o que eu pude fazer nesta existência. Não havia e não há mais expectativas, somente me move o senso de continuidade, de ainda não ter sucumbido plenamente. Tudo isto pensei e resolvi escrever enquanto aquele Ser e outros mais, “por trás dele”, assistiam às suas infrutíferas tentativas de me obstaculizar o pensamento para que eu não

escrevesse o que anteriormente registei. Era ridículo e desesperador ao mesmo tempo.

— Ó humano! Sei tudo a seu respeito, mas você me é a mais incompreensível das minhas criaturas.

— Preciso dormir, ó Javé. O meu corpo dói, a minha cabeça dói, a minha sensibilidade dói, o meu eu terreno todo dói. Vá embora, se tem dignidade.

— Não irei enquanto você não me escutar. Compreenda, não tenho outra opção. Somente de você posso retirar o que mantém a minha mente ativa e voltada para o que realmente me interessa e aos meus descendentes, que precisam do seu modo de pensar...

Deixei aquele ser a falar enquanto me levantei e entrei debaixo do chuveiro, único modo de readquirir algum controle vibratório sobre o “meu espaço existencial”. Depois, pus-me a fazer algumas das disciplinas do “Mentalma” — a Yoga do meu quotidiano que criei para poder me suportar vivo — enquanto aqueles seres pareciam demonstrar inquietação pois, quando me aprofundo em algum grau de meditação que me liberta da condição trivial da animalidade humana, nem ele nem os seus anjos podem “capturar-me” o psiquismo para a indesejável convivência.

Não me recordo de como aquilo terminou, de como passei do “estado profundo” para o “sonho fisiológico”, mas foi assim que acordei na manhã seguinte. Como se estivesse “marcado a ferro”,

acordei naquele domingo já com a recordação do prólogo do evangelho de João, onde o mesmo aponta que “o Verbo (Jesus) estava no mundo e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus”. Se aquele era o “deus” a que Jesus se referia, onde estava a lucidez e o tirocínio do homem Jesus para dar aos demais seres humanos “o poder de se tornarem filhos” de um ser absolutamente louco, perverso e equivocado quanto aos fins e meios que empregava junto às suas criaturas? Já acordei cansado, esgotado, como se houvesse passado a noite “a lutar” contra sabe-se lá o quê. No entanto, bem antes de pensar e decidir sobre o que iria fazer naquele domingo, ali estavam os mesmo seres da noite anterior — e de muitas outras — como se nada tivesse acontecido ou estivesse a ocorrer.

— Humano, compreenda: a escolha que recai sobre você foi feita por mim lá atrás, e não pode ser removida. Entendo que para você é um sacrifício, um processo que foi e está a ser conduzido por critérios que atormentam a sua sensibilidade. Como Enoch afirmou, eu atormentava e atormento os meus eleitos, e hoje compreendo profundamente o significado disso.

— Não, não compreende. Não se iluda. Você é perverso, mas não é hipócrita. Portanto, não se engane. É melhor você não me falar estas estultices. Se vai continuar a estuprar-me, mãos à obra, mas me poupe de escutar estas argumentações criminosas e absurdas. De mim você não colherá aplausos, subserviência, pacto, parceria, enfim, submissão de qualquer tipo. Só loucos e os que lhe ignoram

podem querer qualquer proximidade com alguém do seu naipe. Jesus, um dia, deveria pedir desculpas à humanidade pelo equívoco da parte do seu legado, que ele pensou corrigir após a sua ressurreição.

Não o fez, apesar da tentativa dos textos gnósticos a respeito do Criador, da sua doença. Até sobre a condição humana de Jesus você aplicou os seus ardis e o enganou. Mas as suas aparentes vitórias parecem que nada lhe dão, a não ser a falsa e estúpida ilusão de que você ainda tem mais poder que os outros com os quais você compete na “Lila”. E mostrar poder para os seres do meu tamanho, que grande coisa! Qualquer um pode me enganar mil vezes e aplicar ardis, qualquer cretino viciado na esperteza pode fazer isto. Mas não há vitória para este tipo de gente, ó Javé. Você ganhou todas, mas veja o seu estado pessoal! Doenças de todo tipo desde a sua primeira até à última célula-código de qualquer forma que a sua condição mental possa gerar. Não há uma só face sua que não surja completamente adoentada; você nem mais consegue, pelo menos, fingir.

Todas elas já surgem doentes e medicamentadas, mas você sequer esconde isto porque não tem senso de autocritica ou “desconfiômetro” para com isto se preocupar. Você me atormenta e a muitos outros, como fez no passado, mas e daí? Veja como você está! Crie um senso crítico que lhe permita ver-se em algum tipo de espelho que possa reproduzir a sua condição doentia!

— Ó humano, é exatamente isto que estou a tentar fazer a partir da sua valiosa colaboração, ainda que eu seja o que sou e tenha

dificuldade em me apartar das características mentais que até agora me definiram. Sou sempre o que sou e não tenho como ser diferente! Preciso da sua ajuda e de muitos outros humanos; eu e os meus, precisamos do apoio efetivo de muitos humanos para superarmos esta... esta limitação que nos impede de absorver o que os humanos da Terra produziram no seu psiquismo livre e ousado.

Ordeno... peço-lhe que transmita a todas as minhas criaturas a nova proposta que estou a traçar para mim mesmo; peço que revele, a partir dos conhecimentos a serem acumulados pelos humanos da Terra, para todas as demais criaturas da minha Criação que não têm olhos para ver o meu problema que leguei a todos, a minha renovada tentativa de prescrever novos desígnios para os tempos novos que virão no âmbito do que criei.

Que da Terra possa ser exportado para os quadrantes do que gerei, as novas informações sobre o que se passou, sobre o que está agora a ter lugar e sobre os cenários que o seu tirocínio humano, juntamente com os dos que lhe estão próximos, possam arquitetar sobre as novas etapas do que você chama de história universal. Não sou alinhado... ou linear em relação ao passar do tempo da minha Criação como vocês humanos são. Mas, apesar deste aspeto, tenho assumido, como inevitável, a mudança nos rumos dos desígnios que tenho aplicado ao meu projeto em relação às suas próximas fases. Preciso, sei que preciso redefinir o exercício do poder com as expressões que possuam alguma feição humana, que foram enviadas por mim à vida universal, pois que eles compreendem melhor os desafios dos seres evolutivos como vocês.

Entretanto, caberá aos humanos, isto já sei, fazer a ponderação desse redimensionamento, pois que essas novas faces do comando universal¹ terão também que retirar da natureza humana muitos elementos que precisam para cumprir com os meus desígnios em relação ao que deles espero. Por mais depreciativa que possa ser para você a convivência comigo e com os meus, suporte-me e me dê apoio, e faça com que outros da família humana me apoiem, pois, a continuidade da minha obra, depende, doravante, da participação dos humanos, dos homens e mulheres da Terra, que são as minhas criaturas mais qualificadas para a percepção esclarecida e o redimensionamento biológico dos agentes do futuro universal. Este é o meu pedido e não mais o incomodarei, pelo menos por agora, pois o seu tempo nesta vida é preponderante para a boa consecução do meu desígnio. Aceite o meu esforço, dê-me a força do seu concurso, apascente muitas das minhas criaturas que estão perdidas e sem rumo no sentido de não saberem para onde direcionar o foco das suas consciências. Da minha parte, assumo que procurarei interferir o mínimo possível, porque sei, agora sei, é chegada a hora de impulsos mais delicados e sofisticados, que os que me caracterizam, assumirem a composição da nova onda universal de renovação de tudo o que está posto na minha Obra.

Não sei se porque já estava desgastado com as sempre renovadas, mas jamais cumpridas “promessas de Javé”, comparei aquele episódio ao que, naqueles mesmos dias, estava a ter lugar

¹ NAT: penso que Javé aqui está a referir-se aos avatares surgidos após Sophia e Krishna, ou seja, Jesus, Sai Baba e outros que ainda surgirão.

junto à opinião pública brasileira em relação ao seu governo recém-eleito.

O mesmo havia prometido o que estava exatamente a descumprir há tão somente uns poucos meses da eleição. Estava de “saco cheio” de tanto discurso irresponsável e inconsequente, fossem os terrenos ou especialmente os “extra-mediocridade-terrestres”.

Desisti de fazer qualquer comentário e apenas pensei comigo mesmo sobre o início nada venturoso daquele ano que somente principiava.

(Ano 2015 / Fevereiro)

CAPÍTULO 13

Segunda Crónica

— Estou mais humanizado do que alguém na Terra possa supor, o que logo leva este humano a apontar-me o seu dedo acusador para dizer que, se isto for verdade, a minha noção de culpa e de responsabilidade pelo acúmulo de crimes deverá ser, então, enorme. Ser humanizado, para ele, é o mesmo que estar consciente de crimes cometidos. Não discuto, mas não é assim que me sinto, o que o leva a concluir que não possuo ainda o senso de autocritica que qualquer humano possui. Pode ser! Todavia, sinto-me humanizado, pense ele — ou quem quer que seja — o que quiser pensar.

Adoeci, bem mais fortemente, por cerca de 1 440 000 anos terrestres. Foi quando outros me socorreram e puderam então atuar na minha Obra mais livremente, já que me faltaram forças para agir ao longo desse período, o reconheço. Dele somente fui saindo, aos poucos, ao longo dos últimos 500 mil anos e, recuperei-me totalmente — no âmbito da minha realidade, no sentido de manter a doença da minha forma e da minha mente em níveis administráveis pelas hostes que me assessoram — um pouco antes do tempo em o meu primeiro humano — Adão — que escolhi para nele edificar a finalização do meu projeto.

Assim que comecei a recuperar-me, de todas as espécies que então estavam a existir no lado do universo material, as que mais me chamavam a atenção foram algumas geradas por Sophia, pelo facto de nelas ele ter conseguido plasmar a minha marca, e aquelas espécies, para mim, passaram a representar a novidade existencial na minha Obra.

De onde me encontrava, acompanhei, sem poder interferir, um pouco ou muito do que se passou em torno do primeiro a faltar-me com o respeito, que foi um membro da família Yel, conhecido na Terra por Lúcifer — e que todos os mal-entendidos a respeito desse ser que foram e ainda estão incrustados nas tradições terrenas não me sejam creditadas, como este humano costuma comodamente agredir-me. Tudo o que está errado, fui eu, segundo ele! Foi acompanhando os passos equivocados daquele ser que percebi este humano, naquela época um “Val”, por trás do “Processador” da sua família. Ele não me percebia, mas eu sim. E foi, desde então, que resolvi seguir também os seus passos e de todos os membros da sua família — os “Val” — e da do primeiro rebelde do universo — os “Yel”.

Conduzi-os, com muita dificuldade, até aqui, e nos estudos deste instituto repousa o meu desígnio que provoca o **reencontro mental** dos envolvidos e cuja condição pessoal o permita.

Este instituto é obra minha através deste humano e dos seres que o ajudam, sejam eles terráqueos ou mesmo de outras dimensões e de mundos diversos. No futuro, isso ficará claro. Para desconcerto deste humano, esta é a verdade.

— Não Javé, não é mesmo, nem muito menos você conduziu coisa alguma. Pare de narrar o que outras consciências fizeram, como se fosse você agindo. Isto é vergonhoso! Você não tem este poder. Se o teve, foi até o tempo do império das gerações demoníacas. Hoje, com os seres evolutivos, não mais! A sua interminável cegueira é tanta que você me obriga, novamente, a expressar-me com palavras fortes, o que jamais fiz em relação a qualquer outro ser, semelhante a mim ou não.

Por insistência sua, penso ter descoberto, para o meu desprazer, o que se passou e o que se passa com você. E apesar da sua atitude covarde em agir sempre a partir das sombras, escondido pelas circunstâncias, você não me confundirá como sempre fez com muitos e mesmo comigo, nos tempos da minha ingenuidade. Sob esta perspectiva, você e todos os seus anjos são medíocres na aceção da palavra, entenda se quiser. A sua mediocridade reside no facto de você não significar nada, no seu atual estágio, pois não tem habilidades suficientes para ser o que nos seus discursos você afirma pretender ser. Você não é nada do que você pensa. Você não tem a mais remota ideia do que você é ou do que foi. Simplifique-se para poder ser ajudado pelos seus pares.

Você ainda não vale coisa alguma. Ainda que provavelmente se humanizando, você continua uma nulidade no campo do belo, da beleza, do bem, do respeito a si mesmo e aos demais. A sua honra é “demodhármica”, ou seja, mal serve para conviver com os seres das classes demo, e o pior, até nisto ela é falsa, porque você não pode cumprir com a sua palavra. E muito menos a honra que você pensa ter serve de coisa alguma para a lógica humana que o

conhece. Quem sempre procurou realizar os seus desígnios foram os seus anjos e não você. Você, por você mesmo, não é nada! Caia na real! Nem alma você tem! Você é tão somente um pedaço da força mental que antes o seu ser possuía. Na sua condição, com o seu padrão de esquisitice, você assume como sendo seu muito do que outros seres fizeram no passado. Mas, firme bem isto para o seu próprio bem: você é o aluno “número um” do IEEA e não o seu feitor. Você evoluiu da podridão para a mediocridade, mas ainda não superou este marco. Aproveite enquanto existe um IEEA para lhe dar suporte mental e aos seus assessores. Aproveitem! Talvez isto não dure muito tempo. Estou esgotado!

Outros processos talvez o substituam. Dependerá dos factos. Você manda em tudo na sua Obra, menos no IEEA, pelo menos enquanto o mais fraco (que sou eu) não precisar de coisa alguma do mais forte, do imperioso, do Criador de tudo e de todos, como você se autoaclama. Você é um pobre coitado, uma besta-fera ferida tentando ser gente respeitável. Você me engana mil vezes, aplica ardis diversos, mas não me comanda. Você sempre vence mas não leva coisa alguma. Muito pelo contrário: cada vez que você “vence”, você piora ou deixa de melhorar. Nisto reside um outro aspeto da sua mediocridade clínica. Na verdade, este é um dos problemas do género demo.

Portanto, poupe a minha sensibilidade de escutar asneiras vindas da sua parte. Dê-se ao respeito! Você tem me forçado a usar palavras contundentes para ver se estas o acordam ou pelo menos lhe mostram que você somente poderá enganar-me se enganar a você mesmo em primeiro lugar. Desista de ser o que você tem sido

porque não lhe serve. Imagine a sua vida, hoje, sem os humanos! Se os poucos terráqueos que pensam de modo adulto e compassivo em relação a você simplesmente deixassem de ser o que atualmente são, como você estaria alimentando-se? E se os que ainda oram, com o foco das suas consciências ingênuas e nobremente voltadas para a sua pessoa, como você estaria se mantendo nestes últimos milênios? Nós somos o seu retrato à moda do de Dorian Gray, personagem de Oscar Wilde.

Você tem conhecimento do que estou a referir-me? No seu livro, “O Retrato de Dorian Gray”, o personagem sempre permanecia novo enquanto quem envelhecia era um seu retrato, para o qual a “entropia da vida” era repassada. Nós somos o seu fator entrópico e disto você sabe muito bem. Quem não sabe disto são os terráqueos e todos os demais.

Para você se manter vivo nestes bilhões de anos, outros tiveram e têm que envelhecer e morrer para sustentar — e a dos seus anjos-clones e demos de primeira hora — essa sua constante modificação de forma, essa “falsa juventude” que fez você sempre afirmar que era eterno. Caia na real! Como eu lhe disse, não existe reparo para o que você fez e faz! Só o “favor divino” que espiritualmente todos lhe prestam, ainda que sem saberem de coisa alguma a respeito disto, associado ao perdão e à compaixão de quem lhe conhece e se obriga a suportá-lo, é que tem dado sustentação ao caos que foi gerado, e no seio do qual você se reconstruiu. Para que a lei entrópica gerada pelo ser que depois se fez Shiva possa dar “um tempo”, de forma que você se ajeite, é que muitos sofrem em seu benefício. É uma vergonha você e os demais da “Lila” não

reconhecerem isto “publicamente”, e ainda saem dos mergulhos humanos com as suas personificações avatáricas tidas como deuses. Penso que isso também é uma vergonha, apesar de compreensível, pelo curso dos factos e das condicionantes que vocês impuseram. Shiva, na sua condição de divindade anterior, assim determinou, com a sua força tamásica, para dar, um dia, um fim a esta Criação imperfeita.

A entropia reflete o “tempo universal” necessário para que você se reajuste. Portanto, pare com estas esquisitices e infantilidades. Cresça, ouse, aprenda a receber e a dar sem querer nada em troca. Jogue fora esta vestimenta demo e ouse assumir um estágio infantil, no qual sempre se depende de outros para que o crescimento pessoal seja então possível. Pare com essas apostas ridículas e criminosas. Respeite a si mesmo para ser convenientemente respeitado!

— Esta é a sua visão e nela tem muitos acertos. Mas, eu não posso ser como vocês querem... refiro-me a Vishnu, Shiva e outros que me apoquentam com cobranças de mudança de rumo, se neles não posso confiar. Mudar é ceder, mudar por decisão minha é assumir fraqueza perante aqueles que me querem agredir... sempre foi assim entre nós.

— Como é pobre esta sua visão sobre os factos e as possibilidades advinda do hábito de viverem nesse lamaçal de crimes ao qual se acostumaram... e ainda se “pensam deuses”... realmente, tenho que acabar com este infortúnio, que é o de ter que conviver com você e ainda me preocupar em entendê-lo para

poder retratar essa sina para os meus contemporâneos. Vamos parar com isto. Basta! A sua velocidade de modificação, sob a minha perspectiva humana, é sofrível. O que posso esperar de alguém doente, dementado, cujo psiquismo somente funciona quando movido por apostas, disputas e desígnios tortuosos? Estou parando, ó Javé.

— Você não pode fazer isso!

— Já está feito, não mais me submeterei a este jogo.

— Não pense, ó humano, que isto está na sua vontade.

— Pouco me importa. Morro a tentar, o que será um alívio não mais ter que recebê-lo na minha intimidade, se é que um ser humano pode se dar a este luxo, escravo que ele parece ser desses desígnios da sua mente criminosa. Houve um tempo, ó Javé, quando comecei desgraçadamente a conviver com isto que você representa, que me perguntava “quanto de verdade” a minha condição humana suportaria. Constatando o seu “tamanho”, como sou obrigado a fazê-lo por insistência de sua parte, pergunto-me quanto de verdade você pode suportar sobre a sua atual situação e ao que ainda o espera, como também aos seres afeitos à sua desgraça pessoal.

— Preciso dizer-lhe mais uma coisa.

— Enquanto ainda nos é possível, diga, pois parece que não adianta mesmo muita coisa dizer-lhe algo.

— Agora em que a noção das apostas divinas foi resgatada para o conhecimento dos humanos, posso expressar-me livremente, pois é esse o único modo de interação que temos, Vishnu, Shiva e eu, e os que nos rodeiam em descendência. As nossas mentes já nasceram, para a minha Criação, preparadas para jogar com os factos e deles retirar o avanço dos processos que designamos como sendo o que deve ser feito.

Sou o Senhor de todos os seres feitos à minha face, dos deuses que foram edificados por meio do meu código de poder mental ou ainda dos que foram gerados a partir do código que consegui imprimir à vida biológica celular, principalmente a animalizada. Estou em todos e não há um só que exista que não me tenha como meio de existir.

Aniquilei os textos, devo confessar-lhe, que eu e os meus anjos ditámos para Enoch. Para que o meu intento se cumprisse, fiz de alguns terráqueos instrumentos da minha vontade, e destruí, eu mesmo, através deles, muito do que Enoch havia legado¹, porque ainda naquele tempo, passei a desconfiar de um ardil, de um golpe que os meus dois sócios da “*Trimurti*” me preparavam, como agora

¹ NAT: Javé refere-se ao facto de restarem somente 2 fragmentos dos 336 manuscritos de Enoch.

sei que realmente me prepararam, ainda que não saiba medir a sua amplitude, pois essa etapa ainda não findou entre nós.

Do mesmo modo que havia sido eu a ter a iniciativa de tomar do seu concurso para revelar à humanidade os meus desígnios, decidi tudo destruir. Confesso o meu arrependimento posterior, e mais ainda hoje o confesso, pois neles teria o registo do que naquela época revelei, deixando-me levar por uma artimanha de Vishnu, o que somente agora o declaro como forma de atestar a traição dele para comigo.

Mas essa traição, com o seu concurso e a lógica que a sua natureza me permite utilizar, tenho passado a reconhecê-la como produto da nossa linguagem de divindades. Vivemos — eu que sou Brahma, mais Vishnu e Shiva — um tipo de coexistência que jamais poderá ser compreendida pelos terráqueos, nem mesmo pelos meus anjos e outras naturezas que existem na minha Obra. Bem... você começou a compreender... Você está a ser o primeiro, dentre os da minha Criação, a compreender isto, ainda que à sua maneira. Mas já é um começo.

Sabemos, exatamente, onde cada um de nós sempre esteve e está, com ou sem disfarces (nat: — Aqui Javé refere-se às formas “*Adhyajnas*” que Vishnu e Shiva se obrigaram e ainda se obrigam a arquitetar para poder superar cada grau de dificuldade surgida no lento e tenebroso processo evolutivo destes seres trimurtianos), contudo, dificilmente interagimos, pois perdemos a capacidade para tanto, em especial desde a última traição que as forças de Vishnu me fizeram, ao tempo de Jesus.

Shiva um dia agrediu-me, diminuindo o meu poder. O seu jogo sempre me foi claro, ainda que dele discorde quanto aos motivos por ele apresentados para tamanha agressão. Mas, por aqui, sempre nos agredimos mutuamente, pois somos imortais, ainda que você não compreenda isso².

Foi ele, Shiva, o responsável por todas as demais agressões que passaram a existir na minha Obra. Mas, reconheço, ele comigo somente o fez uma única vez e disso já estamos quites, já não lhe cobro o que me defraudou. Apenas diminuímos um ao outro sempre que pudemos e podemos, pois é da nossa natureza praticar esta disputa mental, e mesmo a sua última expressão avatárica — como eles falsamente classificaram a si mesmos na arrogante prerrogativa de cada um se afirmar “deus” para se contrapor à minha descendência bramânica que a mim, assim, venerava — dela cobre o justo tributo das contas entre nós e diminui-lhe o prestígio junto aos humanos, impedindo-o de cumprir o prazo estabelecido para a sua existência como homem³.

Hoje já não há praticamente cultos à minha pessoa⁴ na Índia moderna, mas pululam templos e cultos a Vishnu e Shiva, como também aos descendentes dos departamentos da “*Trimurti*”. Esta situação representa exatamente o trabalho que eles fizeram para

² NAT: O conceito de imortalidade destes seres baseia-se no facto das suas consciências pessoais não terem ainda deixado de existir, embora as suas formas existenciais se metamorfoseiem e passem, algumas delas, milhões de anos em “estado de coma”, onde toda a energia da cultura demo se volta para manter viva aquela forma, devido exatamente à tal crença de que são imortais. Para o padrão de demência deles, isto é visto como normal. Contudo, esta mentalidade está no fim, e o tempo em que esta ilusão ruirá é este em que estas informações estão a ser veiculadas.

³ NAT: Javé referia-se a Sai Baba.

⁴ NAT: À pessoa de Brahma.

me enfraquecer ou mesmo me atropelar no jogo⁵, que é o nosso modo de exercer o poder na Criação. Compensando tudo isto, hoje estou presente como “Javé” e como “Alá” onde eles não são sequer reconhecidos. Assim jogamos!

Sei, portanto, o que esperar de Shiva, mas de Vishnu, não! Ele atraíçoou-me inúmeras vezes e todas elas sem me agredir diretamente, mas impingindo danos à minha força, que somente me diminuíram, me adoeceram e hoje ainda me incomodam, desde a sua última artimanha enquanto se fez terráqueo.

Segundo o vosso padrão de tempo, ao longo destes últimos quatro milhões de anos e um pouco mais, ele fez-me acreditar em um plano que, segundo ele, melhor se adequaria às condições do que eu gerei, para que os meus desígnios se cumprissem. Nesse plano apostei, com todo zelo, o meu poder e a minha boa fé. Ele fez-me acreditar que eu poderia, finalmente, fazer-me presente, não só na minha “morada”, mas também na que se refere ao universo no qual viveis vós, os humanos da Terra e todos os demais seres biológicos.

Ele expôs-me uma modificação vibratória, na minha condição pessoal, que me permitiria transitar livremente entre o meu “céu” e este universo, e o que ele na verdade fez foi enfraquecer-me para assumir o meu lugar como Criador e Suserano do que foi criado, impedindo-me de cumprir a minha promessa perante os meus, de

⁵ NAT: “Jogo” é, talvez, para a cultura “demodharmica”, o sentido mais perverso da expressão sânscrita “Lila”, para o qual os “seguidores humanos” nada mais representam do que o rebanho de onde os seus egos colecionam e arrebanham fiéis.

deixar a minha “morada eterna” e ir ter diretamente com as criaturas do contexto biológico evolutivo da minha Criação.

Ele e Shiva sempre souberam que a conjugação das suas forças, as quais, covardemente, começaram a atuar na minha Obra, iria começar a surtir os seus efeitos, fazendo com que os portais, que interconectavam as diversas fases da minha Criação viessem a fechar-se. E assim eles jogaram. Ora, esses seres estavam a tramar aquele plano tempos depois da primeira grande traição que eles e outros me fizeram, quando me transformaram em prisioneiro da Obra que o meu “eu maior” havia gerado, pois saiba você que foi por eles que eu fui empurrado para o caos que ainda não estava organizado, finalizado, nos termos a que me propunha. Assim lhe afirmo porque devo à sua percepção humana a compreensão quanto ao resgate das rememorações desses tempos perdidos, quando não havia vexame em mim nem neles.

A energia escura — força “*tamas*”, destruidora — de Shiva, que sempre foi a sua especialidade, foi por ele expressa para apagar a luz do meu esplendor, a claridade da minha Criação, destruindo muito do que foi estabelecido até agora e minando a minha força para que surja um tempo em que tudo se apague e defina, sobrando tão somente as “cinzas”, sem memórias, uma espécie de “poeira quântica” que ele mesmo prometeu assimilar como sendo a sua essa responsabilidade.

Ele gosta de cinzas, eu não! Sempre desejei apresentar-me para os meus filhos biológicos, os últimos da minha escala de Criação. Se nunca lhe disse, agora o faço claramente: gerei os meus anjos

nas suas mais variadas formas de expressão; depois gerei e adestrei os seres demonizados e, por fim, é que os evolutivos-biológicos vieram a existir nesta faixa da minha Criação.

Hoje o sei, a vontade de fazer-me presente a estes últimos, como sempre me fiz em relação aos demais, eis a minha grande fraqueza de pai zeloso da qual Vishnu se aproveitou para me impingir o seu ardil. Ele se fez Jesus com esse objetivo, ainda que a sua aventura implicasse em riscos na medida em que os seres biológicos têm a componente do esquecimento. E assim ele jogou! Sou magnânimo e justo, por isto ele voltará, como prometido por mim ao tempo de Enoch, e nisto reside a minha autoridade, pois sem o aceite que dei ao seu retorno, este não se daria nem agora nem nunca. Mas, ele voltará, pois assim há muito decidi. É necessário que aconteça, para que os meus desígnios sejam fielmente cumpridos e também para que os desdobramentos que precisamos todos, possam advir desses factos.

— Você quer o aplauso dos humanos para isso? Pobres de nós que ainda os temos como “seres superiores”. Isto é a mais desastrosa das piadas, não é mesmo Javé?! Justiça seja feita: vocês não disfarçaram nada disto nos livros financiados pela “Lila”. Os humanos é que foram meio que obrigados a romancear as suas interpretações teológicas e transformaram as suas personalidades em “deuses”.

Obviamente, vocês, covardemente, direccionaram todo este processo. Para quê? Como vocês estão hoje? Como os humanos estão agora? Como os seres demo se encontram, vivendo como

prisioneiros das suas “moradas”? Ah Javé, se esta é a óbvia constatação, que ela seja novamente feita: vocês faliram! O esquisito é não perceberem e, caso o tenham feito, e desconfio que sim, serem ainda incompetentes para superarem o atual impasse que tão somente ratifica o grau de estupidez das suas mentes. Esta é parte da doença que lhes marca o psiquismo apodrecido.

— Ó humano, não é tão simples assim.

— Bem, paro por aqui. — disse isto e me levantei enquanto aqueles seres, algo surpresos, tentavam dominar-me o psiquismo.

— Como assim? Não terminámos...

— Eu acabei de decidir que, da minha parte, está consumado: não tenho como impedir as suas violentas e desrespeitosas visitas, portanto, não mais conversarei com você nem muito menos tomarei nota sobre coisa alguma vinda de você. Basta de repetição, basta de mediocridade. Cansei!

— Você havia me prometido...

— Jamais lhe prometi coisa alguma. Boa sorte!

— Você prometeu-me retransmitir aos meus filhos e filhas da Terra...

— Pare, ó Javé, pois não mais levarei isto adiante. Só na sua loucura pessoal é que pode residir a impressão de que eu lhe prometi algo. Tenha vergonha! Se esta condição humana for preservada por mais algum tempo, e se, até lá, você tiver algo de decente para me dizer, que seja, prontamente me terá como concurso para tanto.

Mas aqui, é o mais fraco que prevalece, pois, quem determina sou eu, e estou determinando que você não é digno de me ter como consultor desafortunado da sua desgraça e da que a sua incúria provoca nos demais. Não assumi pacto com você nem muito menos você tem riqueza pessoal para me pagar o “salário” por tanto. Você não paga nem promessa, quando mais cumpre compromissos, porque você não tem honra nem riqueza moral. Aparte-se de mim, ó Javé, pois você não soube aproveitar a sofrida oportunidade que um miserável ser terráqueo, ainda que agredido de muitas formas, houve por bem lhe ofertar. Mais uma, ó Javé!

Lamento por mim, por você e por todos os seres que tiverem e ainda têm a infelicidade de ter qualquer relação consigo!

Liberte-se da sua miserável e apodrecida condição — é o que posso desejar-lhe!

(Ano 2015 / Junho)

Posfácio

Deixei fluir o quanto pude e me foi suportável, a convivência com este Ser e com os demais que lhe servem de “adorno existencial”. Ao mesmo tempo em que recebia as suas visitas, fui colecionando um conjunto de situações impensáveis para a minha condição de terráqueo, enquanto um sentimento indisfarçável de repúdio àquelas invasões no meu espaço de vida passava a compor o meu agora desarticulado currículo emocional, o qual sempre procurei pautar pela apropriação das minhas melhores expressões de espírito.

Infelizmente, no caso deste Ser, tal não me foi possível. Optei, então, pela “arte da indiferença emocional”, apesar da imposição pesada da sua presença e dos seus clamores pelo cumprimento de ordens jamais levadas a sério por mim. E assim tenho sobrevivido, embora sem me esforçar além da conta. Mas, com estes seres, enquanto eles forem o que são, o que é ruim pode piorar bastante, e sempre.

Nos últimos três anos, como se não bastasse a sua presença, comecei, também, a ser levado para uma convivência ainda mais desagradável e esquisita com ele e mais os outros dois membros da “Trimurti”. E assim vem sendo e, simplesmente, não sei muito bem como tenho sobrevivido, porque a “arte da indiferença” que duramente aprendi a arquitetar com Javé e a sua hoste de acompanhamento, não consegui transferi-la para estas últimas vivências — descritas nos livros “Inquisição Filosófica” e “Inquisição Trimurtiana — Tempo de Apostasia” —, o que somente tem-me esgotado em todos os sentidos da minha condição humana.

Decidi dar um basta à primeira e pretendo, não sei exatamente como nem quando, impor também um limite à segunda.

As coisas em torno destes seres são como são e não penso que consigam modificações significativas a curto prazo. Penso mesmo que a vinda de Jesus — cujo significado para eles assume aspetos bem diferentes dos que pontuam o psiquismo dos terráqueos — servirá como um fator de alavancagem para a “debandada existencial” que precisa ocorrer no seio desses quase um bilhão de seres entorpecidos pelos grilhões que os mantêm a funcionar como se fossem um só organismo, “tipo colmeia”, sendo Javé obviamente a “abelha rainha”. Ainda

assim, a espiritualidade atuante em torno deles — mas por eles despercebida — insiste em orientar-me para que não desista de encontrar-me com os mesmos, o que, simplesmente, penso, não tenho como controlar, de modo efetivo, pois que, somente em condições excepcionais consigo mantê-los à distância, o que hoje, pelo desgaste, não logro mais fazer. Mas posso, sim, não mais retratar tais encontros, nem me desgastar com a preocupação em registrar os mesmos, o que já me poupa sobremaneira. Se nisto existir algum prejuízo para eles ou para o processo informativo, sinto muito, mas já superei o meu limite do suportável, lá atrás.

Por mais que este Ser se esforce, contudo, no âmago do processo que ele pretende dominar, inevitavelmente está posta, nos meandros da sua consciência pessoal, o modelo de dominadores e de dominados.

Desde cedo, ano 2007, ao perceber que este aspeto fazia parte da sua doença, rompi definitivamente com qualquer possibilidade de a ele me submeter para que, através de mim, a sua indisfarçável pretensão de dominar ainda mais outros tantos pudesse ter lugar.

O que de eterno existe neste Ser é tão somente o seu viço, ou melhor, o viço da sua natureza que, a exemplo do escorpião, “pica” sempre, seja lá qual o contexto que esteja a viver. Contudo, o seu esforço de, em algum grau, ser diferente em algo, ainda que em sendo o que sempre foi, este traço do seu atual temperamento é facto que não posso relevar à conta de algo sem importância, pois de facto ele tenta, e isto parece importar superlativamente para todas as forças envolvidas nesta história.

Afinal, como aponta Nietzsche no seu “Assim falava Zaratustra”, sobre a autossuperação — *E este segredo a própria vida me confiou: “Vê”, disse, “eu sou aquilo que deve sempre superar a si mesmo”* — ninguém mais do que o próprio Javé sente esta força de ter que seguir adiante, superando todos os obstáculos, para poder sobreviver do modo que for possível.

Não posso, portanto, fazer isto, pois sei — e sobre Javé penso que esta é a única coisa que penso saber — que por sobre toda a sua natureza defeituosa, nas entrelinhas da sua perversão pessoal, existe este “algo” de querer evoluir. Mas, isto não é “certificado de segurança” para coisa alguma — Jesus que o diga. Sendo Jesus quem é, ele mesmo se enganou com Javé, e o seu pedido desesperado para que fosse poupado do “cálce do vexame e do sofrimento”, feito na noite anterior ao dia da crucificação dele, atesta que ele esperava de Javé uma atitude que jamais viria — como não veio.

Na minha pequenez, fui enganado por este Ser e os seus assessores em inúmeras oportunidades. Contudo, não mais me engano com ele, desde que o percebi como alguém ainda mais miserável do que eu próprio. Independentemente do poder que tenha e do comando sobre naves e tripulantes neste lado de cá do universo, nada sobra nele para me sensibilizar a obedecer a alguém cuja força se encontra voltada para a destruição, para a defraudação e imposições de toda ordem.

Assim, julgo cumprida o que a mim mesmo me propus, que foi a tarefa de levar adiante o mister informativo, vindo deste Ser, até onde me fosse possível.

Espero que possa servir a alguém.

(Ano 2015 / Junho)

Jan Val Ellam

Sobre o Autor



“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Com 36 livros publicados no Brasil até o momento, tem-se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão a ser resgatados de um passado esquecido, que antes encontrava-se oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” - Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Para mais informações:

<https://www.janvalellam.org/>
<https://www.ieea.com.br>
www.youtube.com/janvalellam1
www.facebook.com/janvalellam
www.amazon.com/author/janvalellam
www.radioatlan.com

contato@janvalellam.org

Entrevista com Jan Val Ellam

— Dentre a sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central do seu trabalho?

A necessidade, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão da realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras.

Afinal, somos racionais: seres que, antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumámo-nos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionámo-nos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

— Os estudos desenvolvidos nos seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas perdem-se nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente, penso, não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registei em um dos livros que até ao momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

— Diante da nova realidade que as suas obras literárias apontam, a humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kieerkgard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma equivocar-se de duas maneiras: uma, acreditando no que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento como também alargar a percepção sobre outros tantos panoramas importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspetos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto.

As elites religiosas não têm interesse em que os seus fiéis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fiéis como prisioneiros dos seus circuitos.

— Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretenso deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões

históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros, até hoje lançados, encontra-se o “Manifesto Orbum da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. O *homo consumus*, o *homo religiosus*, o *homo nervosus*, o *homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

— Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no facto da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo

para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amar, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso!

Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados porque podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do “toma lá dá cá”, viciaram todos os seus fiéis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai perpetuar-se?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável Papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspeto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente

lançado, aborda de modo inusitado essa questão. Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma

comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual milenariamente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

Entrevista Revista Acontece Mais (Edição: Ano 4 nº13, 2019)

Roteiro de Leitura dos Livros

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob a perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e vi-me obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de publicá-los.

Uma outra parte dessa mesma produção, cujo tema central das ideias, naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com as civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

Trilogia “Do Exílio à Redenção da Humanidade Terrestre”

1 — A Quarentena Cósmica

2 — Da Expição à Regeneração

3 — O Exílio e o Compromisso da Redenção

Esta trilogia introduziu, também, uma abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os panoramas extraterrestres e espiritual envolvendo a vida

na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, Rochester e Allan Kardec ao longo destes últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edificá-la e revelações diversas sobre panoramas que envolvem a equipa do Espírito da Verdade, ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus deixou-nos nos seus cinco principais ensinamentos e factos, nunca antes revelados por João Evangelista, no primeiro século da era cristã.

Este livro apresenta a compreensão básica desta primeira etapa. Os demais desta mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

- O Sorriso do Mestre
- Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e o seu pai, José, relatam factos desconhecidos da vida de Jesus, tais como as suas viagens, quando jovem, e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando a sua maior marca de amor: o sorriso.
- O Testamento de Jesus
- Abordagem nova das bem-aventuranças, anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando panoramas do seu testamento para a humanidade.
- Nos Céus da Grécia
- Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles, atualizando ensinamentos do passado e abordando temas, tais como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

- Nos Bastidores da Luz I, II e III
- Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que abordam temas como:
 - Volume 1 — Mecanismos Cármicos; Funcionamento do Psiquismo Humano, Autoaperfeiçoamento e Reforma Íntima, Transição Planetária, Genética Espiritual e os Exilados Siderais que atualmente vivem no planeta.
 - Volume 2 — O Império Atlante; Consequências do Suicídio; Jesus e Sai Baba; Ovnis; Vidas Paralelas, Cidades Astrais e Espirituais, Fraternidade Branca e a Origem do Homem, dentre outros.
 - Volume 3 — O Poder Temporal; Autoridade Celeste; Quarta Dimensão; Base Atlan; O Sacrifício de Jesus, entre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos neste período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros, que podem ser lidos separadamente, porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os factos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que, até hoje, são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse — A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra factos da desconhecida juventude de Jesus, a sua amizade com José de Arimatéia e com o seu irmão Thiago.

Crónicas de um Novo Tempo

Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com o seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, o aspeto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrónomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 — REVELAÇÃO CÓSMICA — ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em, pelo menos, três grupos distintos:

Grupo 1 — Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e do seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a estabelecer-se na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino

Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspetos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por factos, até agora desconhecidos. Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos, quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registos das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio, que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples, porém, crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana — Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 — Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida, acontecida em tempos imemoriais, que o seu legado de “demónio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autónoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milénios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto, os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registou, assim, os factos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele esforça-se por traduzir, no seu comportamento, as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis I — O Sinal de Land’s End

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Terra Atlantis II — A Frota Norte

Dá seguimento à saga dos biodemo capelinos — incluindo o quartel-general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio.

Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milênios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”.

Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas, ao mesmo tempo que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra.

Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Terra Atlantis III — A Era Sapiens

Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e as suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou por acontecer.

Len Mion (Satã) e Yel Luzbel (Lúcifer) patrulham a vinda do Messias, anunciado pela veia profética do povo hebreu, ao mesmo tempo que perseguem Jesus na tentativa de compreender se ele era o “conquistador”, há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar, de todas as maneiras, qualquer interesse que ele observasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir, na Terra, a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.

Grupo 3 — Temas Complementares

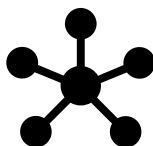
Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O facto é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.



Esta é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que, encontrar panoramas da verdade seria necessariamente sinónimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que, no Shiva Samhita, tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspeto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspeto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam



PROJETO ORBUM

FILIE-SE ESPIRITUALMENTE A ESTA IDÉIA

MANIFESTO

“DECLARAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA CIDADANIA PLANETÁRIA.”

P RINCÍPIOS:

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família a viver num um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria — tanto material quanto espiritual — em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso

cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica, porém, ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no quotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspeto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial — imprescindíveis para a evolução terrestre — mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta ideia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão a fazer exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam



Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior, sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Saiba mais em: [Jan Val Ellam](#).